



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

RAFAELLA MARQUES FARIAS

**ONDE O ORIENTE ENCONTRA O OCIDENTE: UMA ANÁLISE DO *CONTO DO
ESCUDEIRO* DE GEOFFREY CHAUCER**

RECIFE

2022

RAFAELLA MARQUES FARIAS

“ONDE O ORIENTE ENCONTRA O OCIDENTE: UMA ANÁLISE DO *CONTO DO ESCUDEIRO* DE GEOFFREY CHAUCER”

TCC apresentado ao Curso de História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Uchoa Borgongino

RECIFE

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Farias, Rafaella Marques.

Onde o Oriente Encontra o Ocidente: Uma Análise do Conto do Escudeiro
de Geoffrey Chaucer / Rafaella Marques Farias. - Recife, 2022.

51 p.

Orientador(a): Bruno Uchoa Borgongino

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, , 2022.

Inclui referências.

1. Literatura Medieval Inglesa. 2. Geoffrey Chaucer. 3. Contos da
Cantuária. 4. História Global. 5. Oriente e Ocidente. 6. Relações Culturais na
Idade Média. I. Borgongino, Bruno Uchoa. (Orientação). II. Título.

990 CDD (22.ed.)

RAFAELLA MARQUES FARIAS

“ONDE O ORIENTE ENCONTRA O OCIDENTE: UMA ANÁLISE DO *CONTO DO ESCUDEIRO* DE GEOFFREY CHAUCER”

TCC apresentado ao Curso de História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em História.

Aprovada em: 15/08/2022.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Bruno Uchoa Borgongino (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Professora Doutora Viviane Jesuz (Examinadora Externa)
Universidade Federal Fluminense

Professor Doutor Daniel Lula Costa (Examinador Externo)
Universidade Federal de Santa Catarina

À memória da minha mãe, que continua me dando forças e que é o começo e o destino de todos os meus caminhos.

E ao meu pai, com muito amor e gratidão por todo o apoio e incentivo que me possibilitou chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus amigos, alguns distantes geograficamente, mas sempre presentes em minha vida; aqueles que já eram considerados parte da família; e aqueles que surgiram ao longo do caminho e também se tornaram família.

Agradeço a todos que encontrei durante a graduação e que estiveram ao meu lado, tornando esses anos experiências verdadeiramente inesquecíveis. Cada conversa, cada aprendizado compartilhado e cada momento vivido juntos representaram marcos significativos em minha trajetória. As vivências acadêmicas e os ambientes que pude conhecer moldaram não apenas meu conhecimento, mas também quem sou hoje, e levarei tudo isso comigo para sempre.

Agradeço ao meu orientador, pelos ensinamentos, paciência e pelo direcionamento durante minha trajetória da graduação.

Agradeço também a todos que, de alguma forma, contribuíram para minha formação, direta ou indiretamente, tornando possível a realização deste trabalho. Cada experiência, cada palavra de encorajamento e cada gesto de apoio tiveram um papel importante na minha trajetória.

Por fim, sou grata a todos os ambientes, oportunidades e experiências proporcionados pela universidade, que ampliaram meus horizontes e me ensinaram que o conhecimento transforma vidas.

RESUMO

Neste trabalho pretende-se um estudo sobre as relações e conexões culturais entre Oriente e Ocidente, para entender as diversas trocas culturais, orais e escritas, que ocorreram durante o século XIV, e como essas relações influíram na literatura de Geoffrey Chaucer (1343 - 1400). Em *Contos da Cantuária* (1392), Chaucer traz um significativo uso de traduções e análogos orientais em suas histórias. Especialmente na sua narrativa do *Conto do Escudeiro* analisada neste trabalho. No entanto, ainda há uma perpetuação de narrativas que destituem a participação do Oriente na construção da literatura ocidental. A existência de uma cultura está sempre associada a diversas tradições que podem coexistir em uma mesma sociedade. Considero que a literatura se produz em relação com o mundo, e não enquanto um objeto isolado e cristalizado, mas se constitui de um constante diálogo de trocas textuais e culturais. Dessa maneira, enxerguei uma necessidade de ampliar as formas de interpretação de uma das obras mais conhecidas de Chaucer, buscando uma reconsideração das trocas textuais vivenciadas por ele, bem como as interações culturais que ligam a sua literatura com o Oriente.

Palavras-chave: Literatura Medieval; Geoffrey Chaucer; Oriente; História Global.

ABSTRACT

This work intends to study the relations and cultural connections between East and West, to understand the diverse cultural exchanges, oral and written, that took place during the 14th century, and how these relationships influenced the literature of Geoffrey Chaucer (1343 - 1400). In Canterbury Tales (1392), Chaucer makes significant use of Eastern translations and analogues in his stories. Especially in his narrative of *Squire's Tales* analyzed in this work. However, there is still a perpetuation of narratives denying the East's participation in the construction of Western literature. The existence of a culture is always associated with different traditions that can coexist in the same society. I consider that literature is produced in conjunction with the world, not as an isolated and crystallized object, but as a constant dialogue of textual and cultural exchanges. Thus, I saw a need to broaden the forms of interpretation of one of Chaucer's best-known works, seeking a reconsideration of the textual exchanges he experienced, as well as the cultural interactions that link his literature with the Orient.

Keywords: Medieval Literature; Geoffrey Chaucer; Orient; Global History.

SUMÁRIO

Introdução	4
Capítulo 1	
Processo de "esquecimento" do Oriente na construção de Geoffrey Chaucer como um cânone Ocidental	10
Capítulo 2	
Peregrinação, Comércio e Cruzadas: Intercâmbio de Conhecimento no final do século XIV	
21	
Capítulo 3	
O Oriente encontra o Ocidente no Conto do Escudeiro de Geoffrey Chaucer	28
Conclusões	39
Referências	42

Introdução

O presente trabalho surge de um estudo sobre as relações e conexões culturais entre Oriente e Ocidente, a fim de entender as diversas trocas culturais, orais e escritas, que ocorreram durante o século XIV, e como essas relações influíram na literatura de Geoffrey Chaucer (1343 - 1400). A existência de uma cultura está sempre associada a diversas tradições que podem coexistir em uma mesma sociedade. Desse modo, considero que a literatura se produz em relação com o mundo. A literatura não se produz enquanto um objeto isolado e cristalizado, mas se constitui de um constante diálogo de trocas textuais e culturais. *Canterbury Tales* (1392), ou *Contos da Cantuária* em tradução para o português, traz um significativo uso de traduções e análogos não ingleses, com histórias que atravessam a Inglaterra. Dessa maneira, enxerguei aqui uma necessidade de ampliar as formas de interpretação de uma das obras mais conhecidas de Chaucer, buscando uma reconsideração das trocas textuais vivenciadas por ele, bem como as interações culturais que ligam a sua literatura com o Oriente.

Há uma perpetuação de narrativas que destituem a participação do Oriente na construção da literatura ocidental. As abordagens feitas acerca da vida de Chaucer e seus escritos muitas vezes deixam obscurecida a presença árabe em suas narrativas, tratando como periférica e ocasional. Comumente, autores como Marion Turner (2019) ainda afirmam que a individualidade dos personagens e as diversas formas de escrita literária presentes são relacionadas a um Renascimento emergente, às formas literárias italianas - como as de Dante (1265 - 1321) e Boccaccio (1313 - 1375) - e aos *fabliaux*¹ franceses. Mas, numerosas sugestões mais recentes dentro da comunidade acadêmica apontam para a cultura do Oriente como fundamental na formação do Ocidente durante a Idade Média. Conforme os trabalhos de Heffernan (2003) e Menocal (2010) que expõe de que modo os textos ocidentais como enciclopédias, mapas, tratados médicos e astronômicos, canções de gestas e romances – tanto em suas formas mais antigas ou em suas traduções e adaptações – fazem parte dessa troca.

O próprio Chaucer, em vários momentos durante a narrativa de *Contos da Cantuária*, faz referências às autoridades islâmicas, incluindo Avicena e Averróis. Mas Chaucer vai além de

¹ Os *fabliaux* são produções literárias curtas com conteúdo cômico e satírico. Na França, o estilo surgiu no século XII e tornou-se popular na Inglaterra por volta do século XIV, período em que Chaucer escreveu suas histórias. (Ver MACEDO, José Rivair. O real e o imaginário nos *fabliaux* medievais. Revista Tempo (UFF), v. 9 n. 17, p. 9-32, 2004.)

apenas citações. É evidente que além de conhecer grandes autores, ele também teve acesso a versões latinas ou francesas de contos orientais – que passaram a fazer parte de suas histórias, além de traduzir esses textos do latim para o inglês (BARRINGTON, 2020, p. 2-3).

Por volta de 1300 a 1400, houve uma crescente circulação e crescimento das redes de trocas comerciais e, consequentemente, de trocas culturais. Nesse período, a Inglaterra experimentou um movimento de plena expansão de suas redes de influência, além de vivenciar um aumento da produção de textos em inglês, principalmente após 1350 (SCALON, 2009, p. 3), o que favoreceu os trabalhos de Chaucer. Janet Abu-Lughod (1989), uma socióloga norte-americana, estudou tais mudanças a partir de uma perspectiva global da Idade Média. Abu-Lughod definiu a Região dos Flandres, as Cidades da feira de Champagne, Gênova e Veneza, como locais de extrema troca cultural e comercial. Por ali passaram peregrinos e comerciantes de diferentes regiões. O cenário oriental era bastante familiar para os que frequentavam esses locais, incluindo Chaucer.

Quando analisamos a vida do poeta, é possível identificar que ele esteve presente em cada um desses locais, seja para fazer negociações ou quando envolveu-se militarmente, sendo capturado durante uma campanha militar de 1359 a 1360, na França. Grande parte da sua vida foi em meio ao comércio londrino, assim como sua vida na corte proporcionou viagens que o colocou em contato com diversas culturas. Nascido em uma família de mercadores de vinho de Londres, sua infância foi em meio às docas e ao comércio londrino. Chaucer viu navios de todo o mundo, trazendo mercadorias das Terras Baixas, França, Península Ibérica e de toda a região do Mediterrâneo. Talvez ele tenha aprendido um pouco de holandês, espanhol, francês e italiano durante esse período. Como Londres era uma cidade multilíngue de comerciantes, suas habilidades poliglotas refletem as características da vida londrina. Chaucer também era um cidadino envolvido em diversos postos a serviço da Coroa, seu contato com os modos e as histórias que nesta circulavam eram vastos.

A tradução de textos também foi profundamente presente na carreira de Chaucer. Muitas das suas histórias são baseadas em traduções, ou se apresentam como traduções. Ele chegou a traduzir textos em latim, de origem árabe, sobre filosofia, astrologia e medicina (BARRINGTON, 2020, p. 2-3). Entre as traduções de versões latinas de textos árabes, a que mais se destaca é a do tratado de Masha-allah sobre o astrolábio. Masha-allah foi um astrólogo e astrônomo do século VIII, conhecido pelo seu nome em latim Messahala. Ele era um judeu da corte abássida em Bagdá cujo nome hebraico era Misha M-ash-a 'Allah.

Na construção da análise desta pesquisa será utilizado como fonte primária o livro *Contos da Cantuária*, em uma edição bilingue, traduzida por Paulo Vizzioli. Dos 24 contos, 21 vão além da Inglaterra, permitindo a Chaucer trazer o mundo que ele conhecia para seus leitores. O cruzamento cultural dessa obra constitui uma espécie de enciclopédia de gêneros narrativos do final da Idade Média. A coleção inclui seis *fabliaux*: *O Conto do Moleiro*, *Conto do Feitor*, *Conto do Cozinheiro*, *Conto do Mercador*, *Conto do Marinheiro* e o *Conto do Oficial de Justiça*. Inclui também pelo menos quatro romances: *O Conto da Esposa de Bath*, *Conto do Proprietário de Terras*, *Conto do Escudeiro*, *Conto de Chaucer sobre Sir Topázio*; duas fábulas, *O Conto da Freira*, e *Conto do Provedor*; pelo menos quatro exemplas, *O Conto do Frade*, *Conto do Escudeiro*, *Conto do Médico* (ou *Conto do Físico*), *Conto do Vendedor de Indulgências*; um conto anti-semita, *Conto da Prioresa*; um tratado filosófico, *O Conto de Chaucer sobre Melibeu*; um manual penitencial, *O Conto do Pároco*; três autobiografias fictícias, *Conto da Esposa de Bath*, o prólogo do *Conto do Vendedor de Indulgências* e o *Conto do Criado do Cônego*; uma hagiografia, o *Conto da Segunda Freira*; e dois contos que podem ser romances ou *exemplas*, *O Conto do Magistrado*, *O Conto do Clérigo* e o *Conto da Prioresa*.

Além de uma variedade enorme de formas literárias, sua narrativa possui uma trama central que é apresentada no prólogo. Os personagens estão inicialmente na taverna do Tabardo, ao sul de Londres, aos quais Chaucer se une. O taverneiro propõe que os peregrinos se distraiam na viagem contando quatro histórias cada um, duas a caminho de Canterbury, onde pretendem visitar o túmulo de São Tomás Becket (1118 - 1170), e duas no caminho de volta. Apesar da curta distância do trajeto percorrido pelos peregrinos, a maioria das narrativas contadas por eles são baseadas em análogos de fora da Inglaterra e revelam um mundo muito mais amplo, que se desloca da Europa para o Mar Mediterrâneo, para a África, e para a Ásia.

É perceptível que seus textos beberam de fontes orientais diversas, mas passou por um processo de “espacialização” e de “nacionalização” que, por vezes, ocultou suas interconexões transculturais, uma das principais características da produção literária medieval, que será ilustrada neste trabalho pelo exemplo do *Conto do Escudeiro*, de Chaucer. A escolha dessa narrativa como ponto de partida para minha análise se deu por ser uma das histórias presentes em *Contos da Cantuária* que contempla uma maior série de referências estrangeiras. O romance é notável por sua ampla variedade de análogos orientais. Desde os personagens, detalhes do enredo e do cenário. O conto apresenta raízes árabes e se passa na corte real de Cambyuskan (ou Genghis Khan), na distante Sarry (ou Tzarev, no que é hoje o sul da Rússia). Para que essas

referências existam, certamente em suas viagens Chaucer leu ou ouviu vários contos orientais e os combinou em uma única história que é o *Conto do Escudeiro*.

Para analisar os aspectos que atuaram sobre a literatura de Chaucer, a pesquisa foi estruturada em três capítulos. No capítulo 1, apresento uma revisão acerca da canonicidade de Chaucer, dado que, embora o poeta não esconda a utilização de elementos da literatura oriental, além do fascínio latente pelas conquistas científicas islâmicas, a ênfase da historiografia sobre a vida e obra de Chaucer estão no engajamento humanista e nos estilos de narrativa franceses e italianos dominantes na Europa do final do século XIV. No caso de Chaucer, a bibliografia relacionada à sua vida e obra reforçam seu posto de cânone ocidental, ocultando a especificidade cultural de fontes que estão entrelaçadas na literatura de Chaucer e criando a ilusão de uma herança cultural unificada e espacializada dentro das fronteiras ocidentais.

Essas afirmações fecham Chaucer dentro da Europa e favorece uma narrativa eurocêntrica e limitada do que foi a literatura medieval como um todo, mas sobretudo a literatura de Chaucer. Para me guiar nesse debate, utilizo essencialmente Dorothee Metlitzki e seu livro *The Matter of Araby in Medieval England*, de 1977, uma obra que permanece atual quando falamos da intersecção da cultura árabe na Inglaterra durante a Idade Média. Outra autora muito importante para ajudar no desenvolvimento desse capítulo, é Carol Heffernan (2003), com seu livro *The Orient in Chaucer and Medieval Romances*. A autora aponta para o árabe e o Oriente como lugares de fontes para muitos dos romances medievais, sugerindo que a forma de romance emergiu do encontro de sarracenos e cruzados. Heffernan evidencia como o Oriente e as pessoas são representadas nos romances medievais tardios. Ela demonstra os elementos árabes e suas narrativas transmitidas ao longo do tempo para a literatura ocidental através do contato cultural em rotas de comércio e peregrinações, incluindo principalmente a literatura de Chaucer.

No capítulo 2, é feito um panorama sobre a vida de Chaucer, pois considero que, através das experiências vividas pelo autor, é possível identificar como a sua literatura fez parte de uma rede de trocas culturais em atividade no final do século XIV. Busco mapear os caminhos da literatura oriental para o Ocidente através do contato cultural em rotas comerciais e de peregrinos, além de evidenciar os locais pelos quais Chaucer viajou e provavelmente entrou em contato com culturas orientais. O objetivo deste capítulo é investigar se essas regiões coincidem entre si e tentar entender sob que circunstâncias Chaucer eventualmente teve contato com histórias do Oriente. Para identificar os principais pontos de trocas culturais durante o final do século XIV, recorro a uma interpretação de uma Idade Média global e interconectada.

Para isto, utilizo o livro *Before European Hegemony* de Janet Abu-Lughod, a fim de entender as ligações comerciais entre o continente africano, europeu e asiático entre os séculos XIII e XIV a partir de uma perspectiva global, ampliando a teoria política e econômica de sistema-mundo de Immanuel Wallerstein.² De forma a complementar a pesquisa, também procuro mapear as viagens de Chaucer através do site *Mapping Chaucer*³, além de utilizar produções que detalham sobre a vida desse poeta inglês, como *A companion to Chaucer*, de Peter Brown, e *The Cambridge companion to Chaucer* organizado por Piero Boitani (2003) e Jill Mann (2003).

As viagens de Chaucer para locais como Flandres, as cidades da feira de Champagne, Gênova e Veneza, certamente possibilitaram o envolvimento do autor com traduções em latim de textos árabes sobre filosofia, astrologia e medicina. Embora Chaucer pareça não ter viajado além do norte da Itália, sua leitura e seus contatos - com mercadores, diplomatas e peregrinos que viajaram para as extremidades do Mediterrâneo e além na Europa Oriental, Ásia e África - trouxeram para ele o conhecimento que encontramos em suas histórias.

Passo então para a análise do *Conto do Escudeiro* no capítulo 3. Neste capítulo, faço o uso da intertextualidade na análise, dado que o Ocidente realizou adaptações e imitações de fórmulas, tipos e motivos de registros clássicos orientais. A literatura se constrói em meio ao diálogo de trocas textuais e culturais. No caso do *Conto do Escudeiro* de Chaucer, seus diálogos com textos orientais são identificáveis. As apropriações vão desde os personagens até detalhes do enredo e cenário. Dentro dessa perspectiva, procuro evidenciar a ideia de que os textos de Chaucer estão repletos de influências e trazem uma leitura sintomática de seu tempo e de seu local de produção, entendendo a literatura como um fenômeno totalmente articulado ao contexto cultural (MELLO, 2005, p. 34). Para estruturar quais são os elementos orientais presentes na narrativa, utilizo principalmente o livro *Sources and analogues of the Canterbury Tales I*, de Robert Correale (2002). Dorothee Metlitzki (1977) e Carol Heffernan (2003) também são peças essenciais para o capítulo.

² Existem algumas abordagens que competem com a história global, entre elas a teoria do sistema-mundo de Immanuel Wallerstein. Essa teoria política e econômica é aplicada a partir do século XVI e afirma uma relação de interdependência transnacional entre os países. Abu-Lughod molda essa perspectiva, afirmando um sistema global desde o século XIII. (Ver WALLERSTEIN, I. O sistema mundial moderno. Vol. I: a agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI. Porto: Ed. Afrontamentos, 1974).

³ Este site é mantido por Eric Weiskott em colaboração com alunos de graduação da Universidade de Boston. As áreas sinalizadas são espaços que fizeram parte da vida de Chaucer ou de seus contos. Algumas páginas incluem uma bibliografia selecionada com acesso por hiperlinks (disponível em: <https://mediakron.bc.edu/mappingchaucer/home>). Acesso em: 05/08/2022).

Em síntese, ainda é difícil pensar em uma lista de leitura obrigatória sobre a Idade Média com nomes como o de Ibn Quzman, Ibn Khaldun, Judah ben- Ezra, Maimonides ou Averróis. Para um medievalista em ascensão deve ser estudado Aquino e Agostinho, mas não Ibn Hazm ou Avicena? Faz-se cada vez mais necessário reavaliar de perto e explicitamente o nosso conhecimento sobre o Oriente e sobre aqueles que estão frequentemente ocultos, silenciosamente atrás de cânones ocidentais. O contato cultural foi um poderoso motor de mudança na literatura ocidental. Mas é importante ressaltar que o Ocidente constrói suas origens, converte suas influências e leva tais influências para a margem, parabenizando-se por ser cosmopolita (SHOHAT; STAM, 2006, p. 22). Traçar qual a relação de Chaucer com textos orientais, colocando-o em conexão com o mundo em que vivia, são tentativas de conduzir os olhares para além da Inglaterra e minimizar o esquecimento de uma tradição de trocas culturais e de convivências. Mas, comprehendo que a própria ideia de um Chaucer cosmopolita ou de uma Inglaterra que foi influenciada pelos diversos entrelaçamentos culturais é perigosa, pois ainda coloca neles o protagonismo.

A partir da argumentação desenvolvida, não pretendo esgotar as possibilidades da temática, entendendo os limites da minha pesquisa e a existência de diferentes olhares que abrem uma gama de possíveis abordagens. Embora Chaucer reconheça e utilize referências muçulmanas como Averróis, Rhazes, Avicenna, Hali e Serapion, o peso desses pensadores na construção de sua literatura não é enaltecido. O desejo que trago é que adicionem aos estudos sobre Chaucer a devida importância aos textos orientais que estão entrelaçados em suas histórias. Quero reiterar a necessidade de se explorar as lacunas a serem preenchidas e os possíveis direcionamentos desta pesquisa. Da mesma forma que já declarei, há uma carência de estudos semelhantes, e, certamente, essa ausência reforça o interesse pelo tema e ampliam os horizontes para pesquisas futuras.

Capítulo 1

Processo de "esquecimento" do Oriente na construção de Geoffrey Chaucer como um cânone Ocidental

Não há dúvidas de que Geoffrey Chaucer (1340 - 1400) e suas diversas produções, tanto de ficção quanto de não ficção, estiveram em uma encruzilhada significativa no desenvolvimento da vida artística e intelectual inglesa. Ao longo dos séculos, suas histórias lhe renderam um lugar praticamente incontestável nos corações e mentes dos ingleses. Mas nem todos os aspectos do mundo e das obras de Chaucer receberam igual exploração. A questão de qual papel e qual efeito a cultura árabe teve em seu trabalho e em sua visão de mundo foi deixada em grande parte inexplorada por aqueles que se dedicaram ao estudo da literatura do poeta. Isso se deve, em certa medida, às restrições de nossa própria visão de mundo.

O poeta inglês Geoffrey Chaucer é hoje considerado um cânone ocidental e, muito embora se saiba e aceite que um bom número de fontes utilizadas pelo poeta é de origem oriental, esses estudos não exploram a fundo a possibilidade de que o mundo árabe e suas múltiplas manifestações possam estar incorporadas e refletidas em seus textos. Com algumas exceções de autoras como Gittes (1983), Heffernan (2003) e Metlitzki (1977), um típico relato sobre a carreira poética de Chaucer seria algo como: na década de 1370, Chaucer, o criador da tradição francesa na corte, viaja duas vezes para a Itália em missões diplomáticas. Lá, ele é cativado pela sofisticação cultural de um ambiente humanista e suas perspectivas artísticas e intelectuais são radicalmente transformadas, de modo que a Itália e seu renascimento em formação são centrais para a interpretação da história literária de Chaucer. Ou seja, a grande inovação atribuída à escrita do autor está comumente ligada a algo oriundo das grandes mudanças que ocorriam no Ocidente nos séculos finais do que chamamos de Idade Média. Esses argumentos acabaram reforçando o seu posto de cânone ocidental, apesar dos seus textos apresentarem um amplo mundo de influências culturais que se estendem muito além da Europa.

A história não é um empreendimento objetivo, transparente ou mesmo contínuo. O modo de escrever sobre o Islã no Ocidente aponta para um grave equívoco historiográfico, que não é acidental nem produzido por falta de conhecimento. Chaucer ter se tornado um cânone ocidental foi uma escolha. Dessa maneira, concentro-me neste capítulo principalmente na investigação da mecânica na produção de Chaucer como um cânone inglês. O que é que deu a Chaucer o poder

de se tornar um cânone ocidental? Especulativa e difícil como é esta pergunta, é para ela que tentarei a seguir esboçar uma resposta.

*

Qualquer consideração das influências italianas nas obras de Chaucer certamente começaria com Giovanni Boccaccio e Dante Alighieri. De fato, por ter crescido em uma família mercantil Chaucer cedo adquiriu uma familiaridade com marinheiros, comerciantes e financistas italianos e pode ter ouvido algo sobre Dante e Boccaccio dos muitos mercadores italianos que passaram por Londres, ou mesmo dos letristas franceses que ele imitava e admirava desde a juventude. Posteriormente, por meio de suas visitas reais à Itália, ele adquiriu um conhecimento dos cenários sociais e políticos de onde surgiram os escritos italianos (WALLACE, 2003, p. 36).

No entanto, a insistência no caráter inovador da conexão italiana de Chaucer não se atenta ao fato que, no mesmo período em que o poeta esteve nas terras italianas, a cultura islâmica era central no desenvolvimento cultural da região. Como será visto no próximo capítulo, o Oriente Médio e o extremo Oriente, no final do século XIII e durante o XIV, eram locais que formaram o coração de trocas comerciais, enquanto na Europa a feira de Champagne e o comércio internacional em Gênova e Veneza, na Itália, possuíam protagonismo (ABU-LUGHOD, 1989, p. 32 - 33). Isto é, o cenário oriental era bastante familiar à elite italiana, principalmente a de Veneza.

Chaucer traz para a sua escrita uma quantidade significativa de traduções e análogos não ingleses, bem como situa seus contos em localizações além da costa da Inglaterra. Suas histórias estão enraizadas em um mundo de aprendizado e cultura internacional. Seus escritos de fato estão impregnados de poesia francesa e italiana, mas ele também utilizou e traduziu filosofia árabe, prestou homenagem a cientistas muçulmanos em seus textos e incorporou diversas histórias orientais em seus contos.

Todo seu engajamento com traduções certamente impulsionou seu lugar como cânone inglês. Apesar de seu conhecimento de outras línguas, Chaucer escolheu utilizar o inglês médio ainda pouco falado em Londres. Se voltarmos à Londres do século XIV, faz todo o sentido porque a tradução o intrigou tanto. A situação linguística na Inglaterra medieval tardia forma o pano de fundo para Chaucer. Em termos simples, a Inglaterra do século XIV era trilíngue. De maneiras diferentes, ingleses, franceses e latinos coabitavam a ilha. O francês dominava as

questões burocráticas nos tribunais e na política; o latim, a igreja e as escolas; e o inglês, a vida cotidiana.

O inglês médio ainda não era rico em palavras, e não possuía uma literatura vasta da qual ele pudesse aprender algo. Em certo sentido, teve de criar muitos elementos e estabelecer suas próprias tradições literárias (BURGESS, 2002, p.40). Chaucer chegou a traduzir textos de origem árabe que estavam em latim sobre filosofia, astrologia e medicina (BARRINGTON, 2020, p. 2-3). Para o poeta, a tradução era uma forma de absorver e compreender as tradições. Chaucer tinha uma excelente compreensão das redes de poder e cultura que o cercavam. Ele sabia o quanto a cultura ocidental devia aos escritos árabes e muitas de suas histórias são baseadas em traduções, ou se apresentam como traduções.

O poeta francês Eustache Deschamps (1346 - 1406) escreveu uma balada em homenagem a Chaucer. O refrão desta balada celebrava Chaucer como o "grande tradutor, nobre Geoffrey Chaucer". Deschamps enfatizou o papel do poeta como mediador cultural que tornará *Le Roman de la Rose* e *De Consolatione Philosophiae* acessíveis aos leitores ingleses. Na Idade Média, não havia fronteiras distintas entre traduções, derivações e obras originais. Ideias de 'plágio' e 'originalidade' são conceitos da Renascença. Antes dessa época, as ideias podiam ser livremente importadas de outras narrativas. Chaucer fez três traduções diretas: O Romance da Rosa do francês; A Consolação da Filosofia do Latim; e A Desgraçada Engenderynge de Mankynde do latim (MALACZKOV, 2001, p. 35-36).

Entre as traduções de versões latinas de textos árabes, a que mais se destaca é a do tratado de Masha-allah sobre o astrolábio. O tratado de Chaucer, escrito em torno de 1391, não é uma tradução direta, porém, parece provável que Chaucer realmente soubesse que sua fonte latina, a qual se utilizou para escrever sua versão, tinha origens árabes. Masha-allah foi um astrólogo e astrônomo do século VIII, conhecido pelo seu nome em latim Messahala. Ele era um judeu da corte abássida em Bagdá cujo nome hebraico era Misha M-ash-a 'Allah. O tratado está inacabado, mas a segunda parte, que está completa, faz referência a Arsechieles Tables. A terceira parte possui diversas tabelas de longitudes e altitudes de estrelas. Vários exemplos dessas tabelas circularam pela Inglaterra. A maioria desses tratados circulavam no Ocidente, vindos principalmente da Península Ibérica. Alguns dos mais influentes estão incluídos nos *Libros del saber de astronomía*, coleção de tratados astronômicos traduzidos do árabe para o Castelhano, sobre a patronagem de Alfonso, O Sábio (1252 - 1284), rei de Leon e Castela. É provável que o relacionamento de Chaucer com os dois reinos, mantido através da esposa de

João de Gante⁴, permitiu a familiarização com os textos traduzidos sobre a patronagem de Alfonso (METLITZKI, 1977, p. 75 - 76). Dessa maneira, é possível compreender porque Chaucer e *Contos da Cantuária* é celebrado como uma obra nacional. Ele contribui para essa visão unificada de uma Inglaterra ao traduzir não só do francês e do italiano, mas também pelas suas traduções do árabe.

De acordo com Bloom (1994, p. 39), “toda a originalidade literária forte se torna canónica”. Se levarmos essa ideia em consideração, um dos argumentos que torna Chaucer um cânone ocidental, desmoronaria. Como será visto no capítulo 3, até mesmo as formas narrativas encontradas em *Contos da Cantuária* possuem referências orientais. É dito que Chaucer fez uso de Boccaccio como inspiração e criou uma coleção de histórias em “moldura” própria. Esse estilo de escrita é considerado um dos maiores legados de Boccaccio para a literatura inglesa, no entanto, até mesmo o estilo de escrita em “moldura” atribuído a Boccaccio e utilizado por Chaucer, bem como utilizado em outras coleções de contos europeus medievais – como a *Disciplina Clericalis*, o *Decameron* e a *Confessio Amantis* – derivam de uma tradição que se originou e se desenvolveu na Ásia. É assim que ela descreve a estrutura das narrativas árabe-indiana do século VIII, conhecida como *Panchatantra* (GITTES, 1983, p. 237).

Muitas vezes, livros inteiros apenas citam passageiramente o Oriente como algo que Chaucer recebeu e incorporou à sua maneira nas suas narrativas. Modificando e trazendo uma forma totalmente inovadora para aquilo que não tinha forma. Enquanto isso, suas influências francesas e italianas possuem capítulos inteiros para descrever como essas culturas foram incorporadas diretamente em suas histórias, na forma como Chaucer pensava e traduzidas em palavras. Turner (2019), por exemplo, defende que Chaucer trouxe para *Contos da Cantuária* um engajamento humanista, trazendo individualidade e personalidades fortes para seus personagens. Para Bloom (1994), Chaucer também antecipa em alguns séculos a interioridade que associamos ao Renascimento e à Reforma. O autor aponta que seus personagens começam a desenvolver uma autoconsciência que só Shakespeare conseguiu ultrapassar e impulsionar (BLOOM, 1994, p. 121).

Se levarmos em consideração ambos os autores, a Renascença e o impulso pelo individualismo serão algo exclusivo do Ocidente. O que o Oriente tinha então? Mesmo que o Islã

⁴ Por volta de 1366, Chaucer casou-se com Philippa Roet (1346 - 1387), dama de companhia da rainha Filipa de Hainault (1313 - 1369), mãe de João de Gante. A irmã de Philippa Roet, Katherine Swynford (1350 - 1403), posteriormente se tornou a terceira esposa do amigo e patrono de Chaucer, João de Gante.

tenha preservado os escritos antigos que inspiraram os ocidentais durante a Renascença, porque apenas o Ocidente deu um passo à frente ao utilizarem esses textos? O Oriente possuía o saber dos antigos, tanto quanto o Ocidente, mas perpetua-se o pensamento de que só o Ocidente tinha o que era preciso para "evoluir".

Chaucer utilizou não apenas do individualismo em seus personagens para suas narrativas, mas se apropria também da concepção de *Fin'Amors* e de amor doentio. John Livingston Lowes foi o primeiro crítico literário a argumentar que “*loveris maladye/ Of Hereos*” (“A doença dos amantes/ Dos Heróis”) de Chaucer tem uma dívida com a tradição médica árabe. No *Conto do Cavaleiro* de Chaucer, por exemplo, o amor de Arcite é interpretado como uma doença que tem sintomas físicos e mentais. A ideia latina de *amor heroes* foi particularmente influenciada pelas traduções *Viaticum Peregrinantis*, de Constantinos, definindo o amor como uma doença melancólica. Além das obras de Avicena, como a *Risāla fī al-‘ishq/* (“Tratado do Amor”), que continham o diagnóstico de amor doentio e enobrecedor (EL FAHLI, 2018, p. 265). Chaucer cita ambos, Constantino e Avicena, como autoridades medievais, declarando sua inspiração neles.

Criou-se a ideia de que o amor romântico também nasceu na Europa, na sociedade de trovadores do século XII. Na crítica literária, por exemplo, aparecem nas discussões sobre a ascensão do romance e autobiografia como gêneros paradigmáticos do individualismo europeu (GOODY, 2008, p. 214). Todavia, a influência muçulmana na poesia trovadoresca está em muitos aspectos como, por exemplo, nas formas métricas. Assim como Heffernan (2003) aponta, o Oriente é local de origem de diversas fontes e análogos para muitos dos romances medievais, incluindo os romances de Chaucer. Isso sugere que a forma de romance emergiu do encontro de sarraceno e cruzado, além da ideia latina de *amor heroes* que foi particularmente influenciada pelas traduções das obras de Avicena, por exemplo. Partindo dessa perspectiva, é possível considerar que a expansão do amor na Europa precisava da secularização que a Renascença trouxe. Mas, como Goody (2008) pontua, a Renascença ocorreu no Ocidente somente quando este se abriu para o Oriente.

A poesia latina servia de antecedente aos trovadores mais ao norte da Europa, mas fontes de tradição islâmica da Península Ibérica e da Sicília também estavam presentes na literatura europeia. As cortes na Andaluzia eram parte da mesma tradição do restante da península, isto é, eram importantes centros para escrita da poesia e do amor. Um destaque dessa tradição é o poeta Ibn Hazm, autor de *O Colar da Pomba*, de 1022, um poema sobre a arte de amar (GOODY, 2008, p. 229). Em outros locais do mundo, como na China, entre os séculos IX e VII A.C.,

podemos encontrar poemas de amor compilados em *O livro nas canções*. Posteriormente, em meados do século VI, um poeta chamado Hsu Ling, organizou uma coleção de poemas de amor que chamou de *New Songs From a Jade Terrace* (Novas canções de um terraço de Jade), que consistia de poesias pertencente à tradição da corte do sul da China (GOODY, 2008, p. 227).

Além disso, na Andaluzia, as mulheres também se dedicaram a escrever poemas de amor, demonstrando liberdade de expressão em seus sentimentos. Wallada, filha do califa, tinha um salão literário em Córdoba. As mulheres muçulmanas e judias participavam de atividades que a tradição europeia parecia considerar incompatível, dado a cultura de desigualdade de gênero europeia (GOODY, p. 229 - 230).

A direção para a qual podemos procurar uma possível fonte da concepção trovadoresca de *fin'amors* em Chaucer e sua atitude em relação ao amor e à perda também é árabe. Durante o clássico período árabe, passou a manifestar o tipo de amor que os escritores ocidentais descreveram como amor cortês. Tornou-se um tema não apenas discutido na poesia e literatura, mas também por teólogos e filósofos, incluindo aqueles que estudam medicina e direito, em todo o Oriente Próximo e Médio (JAGOT, 2013, p. 45). O conceito medieval de *fin' amors*, está principalmente atrelado ao *Risāla fī al-‘ishq* ('Tratado do Amor') de Avicena, que cristaliza a concepção de amor puro, aliada ao poder enobrecedor desse amor.

Além disso, o uso da medicina árabe por Chaucer está intimamente relacionado ao seu envolvimento com a filosofia e fortemente presente em seus trabalhos literários. O uso dessa ciência está atrelado a mestres árabes que ele mesmo cita ao longo de seus textos. No Prólogo Geral, Chaucer descreve cada personagem. Ao discorrer sobre o personagem do Médico, ele cita as autoridades clássicas mais influentes da medicina do currículo medieval para enfatizar a sabedoria do seu personagem.

Outro que fazia parte de nosso grupo era um MÉDICO. Não havia no mundo maior especialista em cirurgia e medicina, tudo com boa base na astrologia, para poder orientar os seus pacientes sobre as horas mais propícias à cura por magia natural. Assim sendo, indicava-lhes com precisão os amuletos que deveriam usar, de acordo com os seus ascendentes. Sabia a causa de todas as doenças, – de natureza quente ou fria ou seca ou úmida, – e como se manifestava, e qual o seu fluxo humorai. Era um doutor irrepreensível, um médico de verdade. Descoberta a origem da enfermidade e a raiz do mal, receitava imediatamente as suas mezinhas. Seus boticários, que estavam de

prontidão, logo lhe mandavam drogas e remédios os mais diversos, porque essas duas classes sempre se ajudaram mutuamente, numa amizade muito antiga e proveitosa. Conhecia ele perfeitamente o seu Esculápio, assim como Dioscórides e Rufus, o velho Hipócrates, Ali, Galeno, Serapião, Razis, Avicena, Averróis, Damasceno, Constantino e, por fim, Bernardo e Gilbertino e Gatesden. ⁵

Ali ibn al-‘Abbās al-Majūsi, conhecido como Haly Abbas em latim, nascido no século X em Ahwaz, no sudoeste da Pérsia, compilou um compêndio médico chamado *Kitāb kāmil al-sinā'a altibbiyya* (O Livro Completo da Arte Médica), também conhecido como *Kitāb al-Malikī* ('Livro Real'). O objetivo declarado deste texto era cobrir todos os aspectos da medicina necessários para se tornar um bom médico; assim, Chaucer faz questão de colocar em primeiro plano Haly Abbas porque sua autoridade aumenta a credibilidade do médico, pelo menos neste ponto da narrativa. O *Kitāb kāmil al-sinā'a al-tibbīyya* foi traduzido para o latim como o *Liber Pantegni* pelo estudioso de medicina do século XI, Constantyn ou Constantinus Africanus, também citado por Chaucer. Nascido em 1017, Constantino era um monge norte-africano de Kairouan, na atual Tunísia, que entrou para a ordem beneditina em Salerno. No mosteiro de Monte Cassino. Constantino traduziu obras médicas do árabe para o latim, que foram amplamente divulgadas no Ocidente latino (JAGOT, 2013, p. 20 - 22).

Razis, é referente ao filósofo persa do século IX, Abū Bakr Muhammad ibn Zakarīya al-Rāzī. O nome árabe al-Rāzī vem de seu local de nascimento, Rayy, ao sul de onde Teerā está agora. Além de sua posição como médico-chefe no hospital em Rayy, depois em Bagdá, al-Rāzī produziu mais de 113 textos, mas dois desses textos foram especialmente importantes para o estudo da medicina na Europa Medieval. O *Kitāb al-Mansūri* (Livro de Mansur) foi dedicado ao príncipe samânida, ‘Abū Salih al-Mansūr ibn Ishāq, em 903, e traduzido para o latim no século XII por Gerard de Cremona como o *Liber Almansoris*, ou *Almansor*. A mais renomada de todas as obras produzidas por al-Rāzī foi o *Kitāb al-Hāwi fī al-tibb* (Livro Abrangente sobre Medicina), compilado postumamente e traduzido para o latim em 1279 sob o título *Continens*.

⁵ “With us ther was DOCTOUR of Phisyk,/ In al this world ne was ther noon him lyk/ To speke of phisik and of surgery;/ For he was grounded in astronomy,/ He kepte his patient a ful greet del/ In hours, by his magik natural./ Wel coude he fortunen the ascendent/ Of his images for his patient./ He knew the cause of everich maladye,/ Were it of hoot or cold, or moiste, or drye,/ And where engendred, and of what humour;/ He was a verrey parfit prectisour./ The cause y-knowe, and of his harm the rote,/ Anon he yaf the seke man his bote./ Ful redy hadde he his aporthecaries,/ To send him drogges and his letuaries,/ For ech of hem mande other for to winne;/ Hir frendschiipe nas nat newe to biginne./ Wel knew he the olde Esculapius,/ And Deiscorides, and eek Rufus,/ Old Ypocras, Haly, and Galien;/ Serapion, Razis, and Avicen;/ Averrois, Damascien, and Constantyn;/ Bernad, and Gatesden, and Gillbertyn./” (CHAUCER, 2014, p. 56 - 57).

Esta tradução foi feita a pedido de Carlos de Anjou em 1279 por Faraj bin Salīm, um médico judeu-siciliano conhecido em latim como Farragius Judaeus ou Farraguth, falecido em 1285 (JAGOT, 2013, p. 23).

Avicena refere-se ao filósofo persa, Abū 'Ali Husayn ibn Abdullah ibn Sīna, conhecido como o Príncipe dos Médicos, mesmo no Ocidente latino. Nascido em Bucara, em 980, Avicena estudou o Alcorão e outras obras árabes aos dez anos de idade. Aos dezesseis anos, ele dominava as principais disciplinas da filosofia, metafísica, ciências naturais, jurisprudência, lógica e matemática, incluindo obras de Euclides e Ptolomeu. Aos dezoito anos, ele era médico do príncipe Samānid, Nūh ibn Mansūr, e passou o resto de sua carreira movendo-se pela Pérsia, servindo a diferentes emires e cortes. Dois de seus compêndios médicos mais conhecidos são al-Qan'ūn fī al-tibb (Cânone da Medicina) e o Kitāb alshifā (Livro da Cura) (JAGOT, 2013, p. 24).

Averróis refere-se ao filósofo árabe andaluz, Muhammad 'Abū al-Wālid ibn Ahmad ibn Rūshd, que, como Avicena, tornou-se uma figura importante no Ocidente latino, devido principalmente a seus conceitos filosóficos sobre a essência e a existência da alma. Suas obras foram proibidas pela Universidade de Paris em 1277, o que paradoxalmente garantiu sua popularidade e sua obra permaneceu influente ao longo da Idade Média. Averróis nasceu em Córdoba em 1126 e estudou jurisprudência e teologia, bem como medicina, literatura e filosofia. Mais tarde, ele foi exilado e morreu em Marrakesh em 1198. Seu *Kulliyāt fī al-tibb* ('Generalidades da Medicina') foi traduzido para o latim em 1255 por um estudioso judeu residente em Pádua, Jacob Bonacosa (JAGOT, 2013, p. 25).

Ainda é possível notar que duas atitudes conflitantes caracterizaram a Europa medieval e foram articuladas na literatura de Chaucer. Em *Contos da Cantuária*, apesar da utilização de elementos da literatura oriental, além do fascínio latente de Chaucer pelas conquistas científicas islâmicas, as histórias ainda excluem o Islã do reino da “verdadeira” fé e reafirmam uma unidade cristã. No *Conto do Magistrado*, por exemplo, ele narra a história de Constância, a filha de um Imperador romano que se torna noiva do Sultão da Síria com a condição de que ele se converta ao Cristianismo. Enfurecida pela ordem de conversão forçada, a mãe do Sultão assassina seu filho e Constância escapa por pouco do mesmo destino. Constância é culpada pela morte do Sultão e exilada. Constância representa a Europa. Descrita pelo narrador como “Possui beleza sem orgulho; juventude, sem estouamento ou imaturidade; em tudo o que faz, guia-se pela

virtude; nela, a humildade matou a prepotência. É o verdadeiro espelho da gentileza...”⁶. Enquanto, em contraste, a sultana muçulmana é representada como “Oh Sultana, raiz da iniquidade! Megera, Semiramis segunda! Ó víbora de rosto feminino, como a serpente que está presa lá no inferno! Oh mulher falsa, tudo o que, pela força do mal, destrói virtude e inocência, foi em ti que se gerou, ninho de todos os vícios!”⁷.

Ao utilizar os confrontos militares entre sarracenos e cristãos no *Conto do Magistrado*, Chaucer demonstrou seu conhecimento das interações comerciais e culturais entre Oriente e Ocidente ao mesmo tempo que se refere a forte oposição entre o mundo cristão “verdadeiro” e piedoso em contraste com um “bárbaro”. Enquanto os cristãos defendem fortemente sua fé, os muçulmanos estão prontos para renunciar a ela.

*

Finalmente, a atitude condenatória de Chaucer em relação ao Islã não excluiu seu fascínio pelas realizações acadêmicas da cultura islâmica. Todavia, ao longo dos séculos, a historiografia ocidental reforçou a narrativa de condenação do Outro. Uma razão pela qual essa narrativa sobre o poeta pode ter tido tanto sucesso é que sua estrutura básica está em perfeita harmonia com as visões eurocêntricas do mundo. A canonicidade e o lugar de Chaucer na historiografia ocidental não é por acaso. *Contos da Cantuária* foi por muito tempo associado aos efeitos homogeneizantes do Império Britânico, o século XVIII serviu como um claro predecessor da sua condição na história ocidental. Vale a pena notar que parte da literatura inglesa é produto de uma epistemologia colonial e testemunha um modo de pensamento dominante que informava o discurso de imperialismo duzentos anos antes de a Grã-Bretanha embarcar em seus projetos coloniais no mundo árabe.

A categoria de literatura em si não deve ser confinada. Na medida do possível, um texto medieval não deve ser visto em quadros isolados. É notório que o trabalho de Chaucer foi influenciado por ideias científicas diretamente de textos árabes em tradução latina. Mas, ainda assim *Contos da Cantuária* serviu para endossar um discurso nacionalista inglês. Por isso, acredito que o uso da denominação “cânone ocidental” e a retórica em torno desse termo ocultou

⁶ “In hir is heigh beautee, with-oute pryde,/ Yowthe, with-oute grenehede or folye;/ To alle hir werkes vertu is hir gyde,/ Humblesse hath sleyn in hir al tirannyne./ She is mirour of alle curteisye.” (CHAUCER, 2014, p. 218-9).

⁷ “O sowdanesse, rote of iniquitee,/ Virago, thou Semiram the secounde,/ O serpent under femininitee,/ Lyk to the serpent depe in helle y-bonde,/ O feyned women, al that may confounde/ Vertu and innocence, through thy malyce,/ Is bred in thee, as nest of every vyce!” (CHAUCER, 2014, p. 226-7).

(intencionalmente ou não) a procedência de fontes que estão entrelaçadas na literatura de Chaucer, criando a ilusão de uma herança cultural unificada e dentro das fronteiras ocidentais.

A formação dos cânones literários se deve, principalmente, de elementos exteriores ao literário, expressando aspectos dominantes de uma época: ideologias, estilos de gênero literário, padrões de sexo, raça e classe social, etc. (MOIRA, 2020, p 6.). Como Muzart (1995) aponta, aquilo que é canonizado em certas épocas, pode ser esquecido noutras e vice-versa. O cânone então seria formado inevitavelmente não apenas pelo fator estético, mas também por um conjunto de razões políticas apropriadas para sustentar uma determinada ideologia historicamente datada.

O alcance literário global de Chaucer começou no século XVIII, quando foi levado ao mar como parte do projeto imperial da Grã-Bretanha. Durante a era de expansão colonial da Grã-Bretanha, Chaucer - junto com Shakespeare, Milton e tratados religiosos - figurou entre os livros carregados pelos ingleses ao estabelecerem postos avançados nas Américas, Ásia, Australásia e África (BARRINGTON, 2020, p. 2). Não podemos deixar de circunstanciar a colonização inglesa de partes significativas do mundo árabe-muçulmano, especialmente o Egito. Considero que muitos estudos filológicos e narrativas de viagem dos séculos XVIII e XIX foram formulados com um interesse soberano ou nacional em mente. Ou seja, a literatura evoca uma noção de memória, de herança, um conhecimento cultural. Por isso, como argumenta Barrington, “ler Chaucer foi uma das maneiras pelas quais colônias distantes e antigas estabeleceram seus laços com a cultura dominante da Grã-Bretanha” (BARRINGTON, 2020, p. 7).

Ao mesmo tempo em que os contos eram reformulados para o público anglófono, as obras de Chaucer foram traduzidas para outras línguas por falantes nativos. Curiosamente, algumas das primeiras traduções foram baseadas não em edições do inglês médio, mas na infinidade de edições infantis simplificadas e higienizadas publicadas em inglês durante o século XIX. Embora essas primeiras traduções apresentem um Chaucer infantilizado quase irreconhecível, elas nos lembram das maneiras como os contos foram usados tanto para representar valores conservadores quanto para tornar os leitores não-anglófonos conscientes de elementos-chave da cultura britânica (BARRINGTON, 2020, p. 8).

A autoridade que gera um cânone ocidental está no tipo de voz narrativa que ele adota, o tipo de estrutura que constrói, os tipos de imagens, temas, motivos que circulam no seu texto. Essas características indicam quais suas intenções ao se dirigir ao leitor. A escolha do que seria passado adiante sobre Chaucer e seus escritos sugere um conjunto de relações entre as obras e o

público, cuja presença no tempo, no discurso, nas instituições lhe dá força e autoridade.

O Orientalismo não é apenas um tema ou campo político refletido passivamente pela cultura, pela erudição ou pelas instituições; nem é um grande e difusa coletânea de textos ou representa uma trama imperialista. Orientalismo é a distribuição de uma consciência geopolítica através destes textos, é a elaboração de uma distinção geográfica e de uma série de interesses, é uma vontade de controlar o outro, e é, sobretudo, um discurso (SAID, 2007, p. 40 - 41). Os fundamentos de um pensamento que reforça o eu *versus* o outro, a cristandade *versus* islamismo, reflete a maneira pela qual se mantém uma polarização palpável entre os muçulmanos e o resto do mundo. Para uma melhor compreensão da especificidade histórica da retórica anti-islâmica no Ocidente, precisamos reconhecer que muitas formas de pensamento ocidental – colonial, científico, revolucionário, secularista – também participaram da formação dessa antipatia.

Isto é, o “roubo da história” não está somente no tempo e espaço. Dividir a realidade humana em culturas, histórias e tradições, geralmente faz com que coloquemos importância em algumas distinções em detrimento de outras. Desse modo, a construção de Chaucer como um cânone está ligado a uma necessidade de espacializar e nacionalizar elementos, em que apenas o Ocidente é incluído e no qual o Oriente não tem parte. Chaucer esteve em ambientes que proporcionaram a ele o contato com histórias e pessoas de todo o mundo, fazendo com que possivelmente absorvesse delas ideias para as suas narrativas. A separação entre Oriente e Ocidente não é menos uma delimitação geográfica e mais ideológica, estando ligada ao colonialismo e a noção de berço de vários conceitos e tradições.

Capítulo 2

Peregrinação, Comércio e Cruzadas: Intercâmbio de Conhecimento no final do século XIV

Embora a Inglaterra não tenha uma costa mediterrânea, o mundo mediterrâneo não é menos parte da literatura inglesa. Para a história literária, a evolução do gênero romance na Europa seguiu os contatos Leste-Oeste. Cultura cruzada, narrativa de viagem, romance e outros gêneros, todos constantemente e consistentemente refratam a experiência inglesa medieval através do contato com o mediterrâneo. O aprendizado científico, literário e filosófico árabe transmitido pelos tradutores latinos, pode ser rastreado através das trocas comerciais, rotas de peregrinação, como meu exemplo mostrará.

Desde a Antiguidade, os árabes têm sido intermediários no fluxo de especiarias, sedas e matérias-primas entre a Ásia e o Mediterrâneo. Através do que o autor John M. Hobson chama de globalização oriental, o Oriente criou uma economia e uma rede global de comunicações após o século V. Hobson afirma que "entre os anos 650 e 1000, o Oriente Médio teve os níveis mais altos de poder extensivo e intensivo no comércio global" (HOBSON, 2004, p. 30, tradução minha). Durante esse período, ideias, instituições e tecnologias orientais se difundiram para o Ocidente, onde foram posteriormente assimilados.

O protagonismo do Oriente no comércio global é notório. A Europa apenas se inseriu com mais força no comércio internacional posteriormente, principalmente após as Cruzadas. Abu-Lughod aponta que o que se sucedeu após as Cruzadas solidificarem a competitividade no sul da Europa, estabelecendo uma troca regular com conexões que vão do norte da Europa para a Itália, até os comércios no Oriente Médio, Índia e China. A reabertura da rota para o leste pelos primeiros cruzados, deu origem a um intercâmbio Leste-Oeste e muçulmano-cristão no Mediterrâneo, que mudou o curso do comércio medieval no Ocidente (HEFFERNAN, 2003, p. 20).

Do ponto de vista de Abu-Lughod, observamos que as Cruzadas tiveram consequências importantes para o comércio global durante a Idade Média. Todavia, Metlitzki considera que o impacto da cultura árabe na história intelectual da Europa, durante e depois das Cruzadas, foi raso. Para a autora, as Cruzadas foram eventos militares, com pessoas que não estavam

interessadas em nada que a civilização sarracena teria a oferecer, e os quais o objetivo era destruir (METLITZKI, 1977, p. 4).

É pouco provável que durante os anos se sucederam as Cruzadas não tenha causado impacto na história intelectual da Europa. Essa atuação aparece principalmente nas narrativas literárias e nos conhecimentos científicos transmitidos através das muitas rotas de peregrinação e comerciais que surgiram durante esse período. A luta do sul da Europa para livrar-se dos muçulmanos refletiu nas epopeias da França e romances da Espanha e Itália, bem como da Inglaterra. Numerosos romances ingleses tratam de confrontos militares entre sarracenos e cristãos, incluindo o *Conto do Magistrado* de Chaucer. A título de exemplo, muitas das regiões citadas pelo cavaleiro, um dos personagens de *Contos da Cantuária*, trazem a marca das Cruzadas: Alisaundre, cidade no Egito; Lyeys, no sudoeste da Turquia; Palatye, uma cidade na Anatólia; Belmarye, no atual Marrocos. Esses são lugares em que o cavaleiro peregrino de Chaucer fez campanha (HEFFERNAN, 2003, p. 8 - 9). Para mais, após as Cruzadas, em torno de 1250 a 1350, foi o momento em que a Europa se inseriu em uma economia de comércio internacional que se desenvolveu e se estendeu até a China, envolvendo comerciantes e produtores em uma extensa e estreita rede mundial de trocas (ABU-LUGHOD, 1989, p. 8).

À medida que o comércio europeu por fim prosperava, “ligas comerciais como a Liga de Milão, a Liga Hanseática e o Flamengo Hansa de Londres foram estabelecidas” (HEFFERNAN, 2003, p. 21-22). Mas ainda havia locais dos quais mantinham “centralidade” no comércio europeu com o Mediterrâneo. Como Janet Abu-Lughod aponta, “nenhum sistema mundial é global, no sentido de que todas as partes se articulam uniformemente umas com as outras, independentemente do papel que desempenham ser central ou periférico” (ABU-LUGHOD, 1989, p. 32). O que acontece é que alguns locais se tornam essenciais e centrais para a Europa, mas faziam parte de uma rede global muito maior.

Devemos levar em consideração que, juntamente com as commodities que chegavam do Oriente, os comerciantes também estavam trazendo livros, contavam suas histórias de seus locais de origem e consequentemente afetaram a cultura europeia. Como Abu-Lughod nota, a entrada das riquezas do Oriente mudou o papel das cidades marítimas mercantis italianas de passivas para ativas. O grande fluxo de pessoas e mercadorias na Europa no século XII pode ser explicado de maneira convincente tanto pelo aumento da demanda por produtos orientais estimulados pelas Cruzadas, quanto por causa da posição estratégica dos italianos nos enclaves costeiros do

Levante e pelo aumento da oferta desses bens que eles agora poderiam entregar (ABU-LUGHOD, 1989, p. 35 - 38).

Desse modo, é possível pensar a inserção do Ocidente no comércio internacional como uma das formas pelas quais a Europa se apropriou de recursos orientais. Os locais para os quais Chaucer viajou foram pontos de enorme fluxo comercial para a Europa, o que o proporcionou acesso a diferentes modos de vida e histórias que vão além do Ocidente. Por esse motivo, Chaucer serve como fio condutor deste capítulo. Aqui faço um panorama da vida do poeta a fim de entender como ele se inseriu em meio a essas trocas culturais, dado que, através das experiências vividas pelo autor é possível compreender melhor a sua literatura.

*

Chaucer era um cidadino envolvido em diversos postos a serviço da Coroa, sendo reconhecido em vida muito mais por estes cargos do que por suas narrativas, que ganharam maior circulação após sua morte em 1400. A vida e a poesia de Chaucer foram incorporadas por um mundo de comércio internacional, troca de manuscritos, uma cidade multilíngue e o movimento de ideias através de fronteiras em constante mudança. Antes de trabalhar na corte inglesa, grande parte da vida de Chaucer foi em meio ao comércio londrino. O pai do poeta era um mercador de vinho de Londres, então sua infância foi passada nesse ambiente de transações. Chaucer vivia perto do rio Tâmisa, o que possibilitou a ele o contato com navios e mercadorias de todo o mundo, o que proporcionou um contato cultural que se tornaria uma característica da escrita do poeta.

A carreira de Chaucer na corte começou em 1357 com sua nomeação para a casa de Elizabeth, condessa de Ulster, e seu marido, o príncipe Lionel. Ao contrário dos mercenários que vendiam seus serviços em contratos de curto prazo para diferentes senhores, Chaucer trabalhava diretamente para a Coroa Inglesa. A corte, assim como a cidade de Londres, estava frequentemente repleta de pessoas de diversas regiões. Assim, o ambiente em que Chaucer vivia, e as grandes famílias que o sustentavam durante grande parte da sua vida, eram globalmente conectados. Essas famílias eram formadas por pessoas de muitas localidades diferentes. Eram multilíngues, itinerantes e envolvidos em extensas redes de comércio. Seus chefes patrocinavam poetas e artistas de toda a Europa e seus casamentos frequentemente envolviam trocas culturais (TURNER, 2020, p. 97).

Entre 1366 e 1378, Chaucer viajou para o exterior inúmeras vezes. A serviço da coroa, ele foi para a França e a Itália, frequentando tribunais em Navarra e Milão. Em uma de suas idas para França, foi capturado e depois resgatado durante uma campanha militar de 1359 a 1360, inaugurando uma série de viagens que o levariam regularmente à França. Em 1366, foi para Navarra; em 1369, lutou no norte da França; em 1370, foi para a França ou Flandres; e em 1373 ele visitou Gênova e Florença (TURNER, 2020, p. 94), entre diversos outros lugares do mundo ao longo de sua carreira.

A Região dos Flandres, as Cidades da feira de Champagne, Gênova e Veneza, foram locais de extrema troca cultural e de uma grande rede comercial que os envolvia durante o século XIV. Sabemos que rotas comerciais e atividades mercantis também conectam conhecimentos, ideias, habilidades transportadas por objetos e pessoas. As rotas utilizadas pelos comerciantes também eram utilizadas por viajantes, peregrinos, diplomatas de diferentes regiões, incluindo o próprio Chaucer.

No século XIII, o comércio global era dividido em subsistemas de trocas em cidades ligadas pelo mar, rios e grandes rotas terrestres, algumas desde a Antiguidade. Havia oito subsistemas nesse período que podem ser agrupados em três grandes grupos, que formavam o coração dessas redes: Europa, Oriente Médio e Extremo-Oriente. Na Europa, no centro-leste da França, onde era mantida a feira de Champagne e o comércio internacional em Gênova e Veneza, na Itália, possuíam protagonismo (ABU-LUGHOD, 1989, p. 32 - 33).

O fluxo de pessoas nesses locais era subsequente de políticas e práticas econômicas que faziam com que as rotas, os portos e os locais de trocas comerciais também fossem usados por viajantes de outras localidades. A jornada tinha que ser quebrada em partes e alguns lugares serviam para isso. Por exemplo, quando Chaucer vai pela primeira vez para a França, ele fica em Flandres. Na metade de 1377, Chaucer foi enviado em viagens com Sir Thomas Percy para negociar a paz e também discutir o possível casamento do neto do rei Ricardo com Marie de France (BREWER, 1982, p. 134). A maioria de suas viagens envolveu negociações e tentativas de abrir e manter conexões, tanto por meio de casamentos e negociações de paz quanto por meio de acordos comerciais. Diplomatas como Chaucer também usavam suas visitas para outros propósitos, dado que o poeta inglês voltou para Flandres outras vezes. Possivelmente, também registrou informações do que encontrou.

Flandres é uma cidade localizada em Gante, França, e tinha um papel central no comércio externo. Não apenas as cidades da Itália estavam engajadas em levar suas mercadorias para o

Oriente: por volta de 1248, por exemplo, Flandres negociava produtos têxteis na Síria (ABU-LUGHOD, 1989, p. 84). Chaucer não deixou de registrar isso em duas de suas histórias em *Contos da Cantuária*. Primeiro, no conto do Homem do Mar, em que a cidade onde o homem faz seus negócios é citada como “Na manhã seguinte o mercador partiu para Flandres, levando seu aprendiz como guia, e chegou a Bruges sem qualquer incidente. Uma vez lá foi logo tratar de seus negócios, comprando e fazendo empréstimos”.⁸ Outro relato sobre Flandres é encontrado no Prólogo Geral, em que é declarado que o chapéu usado pelo Mercador veio das feiras de Flandres: “E trazia na cabeça um chapéu flamengo”⁹.

A feira de Champagne, na França, foi um ponto de troca comercial de grande importância no final do século XIII e um dos lugares que Chaucer esteve presente. Abu-Lughod identifica como frequentadores, primeiramente, comerciantes locais que prestavam serviços aos que vinham de fora, mas também mercadores de outras cidades francesas do entorno das feiras, de outras regiões da Europa, do Mediterrâneo e do Oriente, como da Síria, Chipre, Grécia, dentre outros (ABU-LUGHOD, 1989, p. 62). Ou seja, esses grupos trouxeram diferentes mercadorias para as feiras e tiveram diferentes papéis nos processos de trocas, seja de mercadorias ou conhecimentos.

Ainda na França, Calais foi o local das negociações de paz entre a Inglaterra e a França em outubro de 1360. No meio das negociações, o príncipe Lionel pagou a Chaucer para que levasse cartas suas para a Inglaterra. Esta missão parece ser o último registro do serviço de Chaucer a Lionel. Alguns meses depois, Chaucer estava em Calais, onde foi ratificado o tratado que pôs fim a esta campanha. Era um lugar para o qual Chaucer voltaria várias vezes em suas viagens ao exterior, tendo importância contínua para ele como viajante, mensageiro, diplomata e, mais tarde, funcionário da alfândega. Calais era uma cidade de mercadores, trocas, tratados e identidades mistas. Mais tarde, Chaucer seria um poeta não da ordem e hierarquias consagradas, mas de vozes heterogêneas e do mercado. Com efeito, David Wallace escreveu sobre Calais como o ponto principal da poética chauceriana, em seu hibridismo. Acrescentando que Calais no final do século XIV também representava a própria Inglaterra em sua mistura cultural (TURNER, 2020, p. 73).

⁸ “To morwe cam, and forth this marchan rydeth/ Flaunderes-ward; his prentiss wel him gydeth,/ Til he cam in-to Brugges merily./ Now gooth ths marchant faste and bisily/ About his nede, and byeth and creaunceth” (CHAUCER, 2014, p. 268-289).

⁹ “Upon his heed a Flaundryssh bever hat” (CHAUCER, 2014, p. 46-49).

A guerra também foi outro motivador para a movimentação das pessoas ao redor da Europa e Mediterrâneo. No período em que Chaucer esteve em Navarra, em meados de 1366, foi um período de extrema tensão política. As casas governantes de Hainault e Navarra foram amplamente definidas por seu relacionamento com a França. Ambos os países influenciaram a Guerra dos Cem Anos e ambos foram importantes para Chaucer em meados da década de 1360. Hainault e Navarra são cidades fronteiriças. Navarra, espremida entre Aquitânia, Castela e Aragão, estava inserida nos conflitos espanhóis e anglo-franceses, o que tornou as cidades um ímã para todos os tipos de pessoas durante esse período (TURNER, p. 104 - 105).

O reino de Aragão era nominalmente cristão na virada do século XII, mas muitas de suas cidades permaneceram muçulmanas por algum tempo. Em Navarra, os judeus eram uma parte proeminente da mistura cultural e viviam ao lado de muçulmanos e cristãos, dos países fronteiriços. Navarra tinha uma mistura religiosa diferente de qualquer comunidade na Inglaterra ou na França naquela época. As comunidades muçulmanas tendiam a ser rurais e estavam envolvidas em diversas atividades, trabalhavam como tropeiros e fornecedores de cavalos de carga; outros eram médicos de cavalos e ferreiros (TURNER, 2020, p. 112). Contavam, ainda, com enorme circulação de pessoas devido às guerras. Chaucer visitou um país em que seguidores das três grandes religiões dividiram as mesmas regiões. Ele pode ter ouvido histórias do mundo mais ao leste de algum viajante muçulmano ou tido contato com os judeus na corte; mesmo que isso não tenha ocorrido, de todo modo ele experimentou a vida em um país onde diferentes religiões coexistiam.

Mesmo com o desenvolvimento do comércio europeu, as transações ainda dependiam de Veneza e Gênova para mercadorias orientais. Entre as cidades europeias, Gênova e Veneza tinham destaque no Mediterrâneo, além de terem um papel central em juntar a Europa com o comércio e a economia mundial do Leste. Ambas as cidades mantinham um intenso comércio com a Anatólia, bem como com o Crescente Fértil, o Egito e o Norte de África, mas Veneza concentrava-se nas trocas com a Síria e o Egito, enquanto Gênova lidava majoritariamente com o norte da África e as colônias de Caffa e Tana no Mar Negro (HEFFERMAN, p. 21 - 22). Ambas se tornaram grandes potências navais e mercantes, lutando pela supremacia sobre o Mediterrâneo, até então Mar Arábico, e por concessões comerciais exclusivas e/ou preferenciais nas áreas do Mar Negro, ao longo da costa da Palestina, e no Egito, que guardava a porta de entrada para Índia e além (ABU-LUGHOD, 1989, p. 102).

As viagens de Chaucer para a Itália permitiram conhecer e utilizar como inspirações autores italianos como Dante (1265 - 1321), Petrarca (1304 - 1374) e Boccaccio (1313 - 1375) – os quais, de fato, exerçeriam grande influência em sua obra. Por outro lado, deixa-se de circunstanciar e detalhar que, nessas mesmas viagens, Chaucer provavelmente também teve contato com traduções em latim de textos árabes sobre filosofia, astrologia e medicina, além de traduzir esses textos do latim para o inglês (BARRINGTON, 2020, p. 2-3). Para entender a visita de Chaucer a Gênova, temos que tentar entender o comércio inglês de lá que era uma engrenagem em uma série de mecanismos interligados, em que Chaucer estava cada vez mais envolvido. Sua viagem a Gênova, no final de 1372 e início de 1373, assim como seu trabalho subsequente na alfândega de Londres, foi sobre o comércio de lã.

A posição de Chaucer na casa real, sua conexão familiar com Gante e seu longo conhecimento de assuntos comerciais o tornaram um diplomata adequado para essa missão, mas é provável que seu conhecimento de italiano o tenha tornado particularmente útil. Sua missão pode parecer bastante simples — discutir as possibilidades de comércio genoveses na Inglaterra, um relacionamento que se poderia imaginar que poderia facilmente ser mutuamente benéfico. No entanto, a missão de Chaucer foi altamente controversa e o colocou contra os interesses dos associados de seus pais e seus próprios futuros associados em Londres. Envolveu-o em conflitos políticos que se transformaram em confrontos do Bom Parlamento e levaram a notórios assassinatos em Londres no final da década (TURNER, 2020, p. 145 - 146).

Entre os séculos XIII e XV os muçulmanos eram parceiros importantes nos negócios com cidades italianas. A localização da Itália também permitiu maior contato com os portos levantinos, o que ocasionou um intercâmbio comercial intenso com o Oriente. Essas trocas proporcionaram à Itália não apenas o contato cultural, mas a envolveu em diversas características desses locais ao Leste. Era comum encontrar, através desse relacionamento, a apropriação de elementos de origem árabe em objetos de arte e na arquitetura.

Finalmente, diante dessas conexões e de gigantesca rede de rotas terrestres e marítimas, é possível compreender que as pessoas que passaram por esses locais inevitavelmente formaram um movimento de troca de ideias e commodities, através de artesãos, viajantes, aventureiros, eruditos, etc., inspirados por objetos, histórias e memórias de costumes estrangeiros trazidos de um lugar para outro. Neste capítulo concluo que o contato cultural durante a Idade Média foi um poderoso agente de mudança na literatura: não apenas fontes e análogos com seus enredos e temas, imagens e motivos, mas toda uma outra cultura. Nesse período, produtos, pessoas,

técnicas e gostos podiam ir de um canto para outro e possuíam impactos em áreas muito distantes uma das outras.

Capítulo 3

O Oriente encontra o Ocidente no *Conto do Escudeiro* de Geoffrey Chaucer

O impacto da interação entre Ocidente e Oriente, durante a Idade Média, refletiu intensamente na literatura. No caso do *Conto do Escudeiro* de Chaucer, analisado neste capítulo, seus diálogos com textos orientais e as apropriações vão desde os personagens a detalhes do enredo e cenário. Importante ressaltar que nenhuma fonte literária direta, análoga ao *Conto do Escudeiro*, veio à luz. Os estudos acerca de uma fonte individual para o *Conto do Escudeiro* acabam não alcançando o objetivo, uma vez que a natureza fragmentária da narrativa, assim como a forte probabilidade da dependência de Chaucer de relatos orais e reminiscências de viajantes e mercadores, torna a possibilidade de encontrar uma única fonte escrita para a história de fato improvável.

O *Conto do Escudeiro* apresenta raízes árabes, sua ampla gama de alusões e referências a personagens orientais, sugerem as tradições intelectuais e literárias orientais às quais Chaucer vivenciou durante sua vida, e que aqui serão ilustradas em grande parte através de análogos. É mais direto e mais preciso notar que tais análogos são, em muitos casos, exemplos de uma grande variedade de adaptações de histórias de todo o Oriente. A narrativa é uma miscelânea de vários motivos, alusões, padrões de histórias, conhecimento e reminiscências de viajantes e comerciantes, o que faz parecer que Chaucer leu ou ouviu diversas histórias e as combinou em uma única narrativa. Neste capítulo tentarei fazer um panorama dessas possíveis fontes e análogos, a partir de uma análise da intertextualidade presente nessas histórias.

Enredo geral do *Conto do Escudeiro*

A narrativa começa preparando o cenário, ligando a história no tempo e no lugar: os velhos tempos em Sarray. Sarray (ou Tzárev, no que é hoje o sul da Rússia), na terra de Tartária, “Em Tzárev, na terra da Tartária”¹⁰, local geograficamente e historicamente precisos. Cambuscan, que faz guerras constantes com os russos, “Vivia um rei que movia guerra aos

¹⁰ “At Sarray, in te land of Tartarye”” (CHAUCER, 2014, p. 573-4)

russos”¹¹, representa Genghis Khan (1162 - 1227), fundador do império mongol. Esse personagem também pode ser entendido como Kublai Khan (1215 - 1294), neto do precedente que reinou em Cambaluc, Pequim. No entanto, de acordo com uma nota de Paulo Vizioli à edição em português do livro (CHAUCER, 2014, p. 577), quem de fato esteve na corte em Tzarev e combateu os russos foi Batu Khan (1207 - 1255). O personagem do Escudeiro descreve Cambuskan como um rei que “*werreyed Russye*” (movia guerras aos russos), então é possível entender que o “*Kyng cleped Cambyuskan*” (o rei chamado Cambuscan) poderia ser baseado em Batu Khan. Ou, assim como muitos detalhes do conto, Cambuskan pode ter sido uma combinação desses três Khans.

Chaucer nunca esteve em Sarai, mas está imaginando uma troca entre os dois impérios mais poderosos daquele período: os mongóis e os mamelucos. O poema reflete algumas relações diplomáticas reais entre a corte mameluca e os mongóis, como a Horda Dourada. Quando o poeta imagina a corte mongol, ele pode ter recorrido a relatos sobre “os costumes dos tártaros que moram em Cathay” nas *Viagens de John de Mandeville* (BARRINGTON, p. 5). O Canato da Horda Dourada, foi visitada por Marco Polo e Ibn Battuta, os quais Chaucer também poderia ter entrado em contato com seus relatos.

Ainda no começo da narrativa, é apresentado os personagens principais, um estranho cavaleiro e os membros de um grupo familiar: Cambuscan, sua rainha Elfeta, seus dois filhos Algarsif e Cambalo e sua filha Canace. Cambalo ou Cambalus, o filho de Cambuscan pode ser a representação de Kambala, um dos netos de Kublai Khan. Cambalus ou Cambaluc também significa “*The King’s City*”, derivado do Turko *khanbāliq*. No que se refere a Algarsife e Elfeta, não há evidências suficientes para saber quem eles podem representar, mas não são gregos ou mongóis. Para Metlitzki, esses personagens parecem ser de origem Árabe. Elfeta, significa “*young woman*” em árabe (METLITZKI, 1977, p. 75), enquanto Algarsife pode derivar de *saif aljabhar*, que significa “a espada do gigante” (METLITZKI, 1977, p. 79-80).

Esse ilustre monarca, o tártaro Cambuscan, concebera dois filhos em sua esposa Elfeta, um dos quais era Algarsife, e o outro se chamava Cambalo. Também tinha uma filha, a sua caçula, cujo nome era Canace¹²

¹¹ “*Ther dwelite a kyng that werreyed Russye*” (CHAUCER, 2014, p. 573-4)

¹² “This noble kyng, this Tartre Cambyuskan/ Hadde two sones on Elpheta his wyf,/ Of which the eldest highte Algarsyf,/ That other sone was cleped Cambalo./ A daughter hadde this worthy kyng also,/ That youngest was, and highte Canacee” (CHAUCER, 2014, p. 576-77).

A possível utilização das Viagens de Marco Polo para a concepção do cenário do Império Mongol de Cambuscan é rejeitada por Manly (1986). O autor afirma que Chaucer tinha acesso a outros romances sobre Genghis Khan, dado que, se Chaucer de fato usou as viagens de Marco Polo como fonte, ele intencionalmente trocou as características dos personagens ao escrever sua história. Uma possível fonte para o enredo geral do *Conto do Escudeiro* também pode ser o livro de viagens de Mandeville. De acordo com o livro, John de Mandeville atravessou o caminho da Turquia (Ásia Menor e Cilícia), Tartária, Pérsia, Síria, Arábia, Egito, Líbia, Etiópia, Caldéia, terras das amazonas, Índia e muitos outros locais ao redor da Índia. Ele tinha estado frequentemente em Jerusalém e tinha escrito em línguas românicas, já que eram mais amplamente compreendidas do que o latim.

Considero que Chaucer tenha entrado em contato com todas essas fontes e as combinando para criar sua narrativa. Mas, as possíveis fontes se estendem para além das viagens de Marco Polo ou John de Mandeville. Para os detalhes da corte de Cambuskan, Chaucer pode ter se baseado em relatos dos mongóis por missionários como João de Plano Carpini (1182 - 1252), Simão de São Quentin (fl. 1245 - 1248), com *Hystoria Tartarorum* (História dos tártaros), e Vicente de Beauvais com o seu *Speculum historiale*. *Hystoria Tartarorum* é um relato sobre o Império Mongol composto em latim em 1247. É um dos relatos mais detalhados da história e dos costumes dos mongóis a aparecer na Europa naquela época. Já o autor Simão de São-Quentin foi um frade e diplomata dominicano que acompanhou Ascelin da Lombardia em uma embaixada que o Papa Inocêncio IV enviou aos mongóis em 1245. O relato de Simão sobre a missão, em sua forma original, se perdeu, mas uma grande parte foi preservada na obra *Speculum Historiale* de Vicente de Beauvais. *Speculum Historiale* faz parte de um compêndio bastante conhecido na Idade Média e composto por três partes, o *Speculum Naturale*, o *Speculum Doctrinale* e o *Speculum Historiale*. No prólogo de *A Lenda das Boas Mulheres*, Chaucer cita diretamente o texto de Vicente.

Outro exemplo possível são as lendas de Preste João. Preste João foi um rei da Índia, possivelmente representado no texto de Chaucer. É mencionado nas lendas, assim como na narrativa de Chaucer, elementos mágicos como o espelho e o anel, oferecendo paralelos mais próximos do cenário da narrativa de Chaucer (BENSON, 1986, p. 890).

No *Conto do Escudeiro*, Cambuskan comemora vinte invernos no trono. Durante o grande banquete, um cavaleiro se apresenta em nome do “*The kyng of Arabe and of Inde*” (O rei da Arábia e das Índias), uma área que pode ser considerada do Sultanato Mameluco, entre o

Egito e o Cairo (DIMARCO, 2013, p. 60). O visitante leva quatro presentes mágicos: “*steed of bras*” (um cavalo de bronze) que pode ir a qualquer lugar em pouquíssimo tempo; um espelho que mostra quando alguma calamidade vai acontecer ou, no caso das mulheres, quando ela está sendo traída ou ainda revelar seu grande amor; um anel que permite que quem o use fale todas as línguas, entenda os pássaros e as plantas, além de saber criar qualquer remédio; e, por fim, uma espada que penetra qualquer armadura, jamais cura a quem fere, a não ser que se passe a lâmina virada por cima do ferimento.

Após esse momento, os presentes são guardados. Canace se retira para dormir levando com ela o anel e o espelho mágico, enquanto o cavalo é preso e o banquete continua. Entre esses quatro elementos, irei me debruçar primeiramente pelo cavalo mágico.

O Cavalo Mágico ou o Cavalo de Bronze

O elemento do cavalo mágico é apresentado na narrativa de Chaucer como um dos presentes para o Grande Khan:

O rei da Arábia e das índias vos saúda com os seus melhores votos; e, por intermédio deste criado sempre a vosso dispor, vos envia, em honra desta grande data, este corcel de bronze. Este corcel de bronze, que pode com facilidade e conforto, no espaço de um dia natural (ou seja, em vinte e quatro horas), levar vossa pessoa, faça sol ou chova, para onde inclinar-se vosso coração, – sem que corra qualquer risco, em tempo bom ou ruim. Ou, se for vosso desejo voar pelas alturas, como uma águia a flutuar no espaço, este cavalo poderá transportar-vos para lá (com plena segurança, mesmo que adormeçais em seu dorso), e trazer-vos de volta ao girardes um simples pino. Seu construtor tinha muitos recursos. E, antes de fazer

sua obra, observou as configurações astrais, e empregou feitiçaria e selos mágicos¹³

Para esse elemento, um evento pode ter inspirado Chaucer a colocar um cavalo voador no *Conto do Escudeiro*. Frei João de Marignolli (1338 - 1353) viajou para Yuan, China, em 1342 como emissário papal. O maravilhoso cavalo dado por Frei João de Marignolli como presente do Papa Bento XII ao Khan Toghon Temür tornou-se o tema de um poema do erudito chinês Ouyang Hsüan (1283 – 1357). Uma seção dos anais imperiais chineses de Cambulac afirma que, em 19 de agosto de 1342, um "cavalo notável" foi presenteado ao Khan Toghon Temur pelo "Reino dos Francos". No poema, intitulado *Ode ao Cavalo Celestial*, é dito que o cavalo chegou magicamente pelos mares para o Grande Khan (WANG, 2015, p. 95-98). Os chineses não apenas escreveram sobre sua visita, mas também inspiraram algumas pinturas. Pelo menos três artistas chineses do século XIV — Zhou Lang, Zhang Yanfu e Ren Xianzuo — pintaram esse evento (WANG, 2015, p. 85).

Além desse evento, Chaucer parece estar familiarizado com mais de um relato sobre Cambuskan e os "hors of bras" (cavalos de bronze). Aqui estamos lidando com um material muito parecido com o conto do *Cavalo de Ébano* nas *Mil e uma Noites*. É possível que a vasta coleção de *Mil e uma Noites* não estivesse disponível para Chaucer, mas alguma forma dessa história sem dúvida circulou na Europa Ocidental no final do século XIII. Entre elas, o *Ciclo de Cleomadés* de Adenet le Rois e *Meliacin* de Girart d'Amiens. Embora a origem exata seja desconhecida, ambas as fontes desses romances incorporaram detalhes de mais de uma das versões existentes de *Mil e uma Noites*.

Adenet le Roi (1240 – 1300), foi um trovador Francês. Seu texto, *Cléomadès*, é um romance feito a partir das tradições espanholas e árabes e fala sobre um cavalo de madeira voador. A história foi escrita a pedido de Blanche, infanta de Castela, irmã do rei da França. Acredita-se que o Ciclo de Cléomadès com sua história do cavalo encantado tenha se baseado

¹³ "He seyde, 'The kyng of Arabe and of Inde, My lige lord, on this solempne day Salewith yow, as he best kan and may, And sendeth yow, in honour of your feeste, By me, that am al redy at youre heest, This steed of bras,/ This steed of bras, that easily and wel/ Can, in the space of o day naturel,/ This is to seyn, in foure and twenty horse,/ Wher-so yow list, in droghe or elles shoures,/ Beren your body in-to every place/ To which your herte wilneth for to pace/ With-outen wem of yow, through foul or fair;/ Or, if yow list to fleen as hye in the air/ As doth an eagle, whan him list to sore,/ This same stede shal bere yow ever-more/ With-outen harm, til ye be ther yow leste,/ Though that ye slepen on his bak or reste;/ And Turne ayeyn, with wrything of pin./ He that it wrought coude ful many a gin;/ He wanted many a constellacioun/ Er he had doon this operacioun;/ And knew ful many a seel and many a bond./'" (CHAUCER, 2014, p. 578-9).

em uma versão espanhola da história do cavalo voador das Mil e Uma Noites (HEFFERNAN, 2003, p. 65).

Já o texto *Meliacin*, ou, *le Cheval de Fust* foi escrito por volta de 1285 pelo escritor francês, Girart d'Amiens. Este romance também usa o *motif* oriental do cavalo mágico. Clamazart, que traz o cavalo mágico em *Meliacin*, é um nobre, e um mensageiro do “*King de Arabe e de Inde*” (CORREALE, 2002, p. 172), assim como no *Conto do Escudeiro* de Chaucer. Na história de Girart, o feiticeiro Clamazart oferece um cavalo voador em ébano ao rei núbio do Grande Erménie que, em troca, está disposto a lhe conceder o que ele quiser. Clamazart então pede a mão da filha do Grande Erménie, Gloriande. O irmão de Gloriande, Méliacin, a salvará dessa união, ao mesmo tempo em que libertará, graças ao cavalo voador, sua amante Célinded de uma prisão.

Apesar dessas versões francesas serem semelhantes, não são idênticas. Girart aparentemente permanece mais fiel à narrativa encontrada nas Mil e uma Noites do que Adenet. Chaucer, por sua vez, parece ter utilizado a mecânica de operação do cavalo por meio dos pinos do *Ciclo de Cleomadès*. Na história de Adenet, caso não ative o pino atrás da orelha, o cavalo não sai do lugar. Apenas após a ativação, é possível voar com o cavalo. Chaucer recorre também à ocasião de uma festa de aniversário e ao anel que tem o poder de revelar uma traição. A semelhança narrativa mais próxima parece estar na previsão de que Algarsife, um dos irmãos de Canacee, ganhará uma esposa após grandes, mas não especificadas, aventuras com o cavalo mágico (CORREALE, 2002, p. 171).

Em alguns pontos, o *Conto do Escudeiro* parece mais próximo da trama do *Meliacin* do que do *Cleomadés*. A cena de abertura do *Conto do Escudeiro* é desenvolvida tão diretamente quanto em *Meliacin*, ambos os poetas passando de uma descrição da bela filha do monarca para uma descrição da festa em homenagem ao pai. Ambos os romances diferem do conto oriental ao designar o aniversário do monarca como ocasião da festa, mas apenas em *Meliacin* e no *Conto do Escudeiro* o próprio monarca ordena essa comemoração. Apenas no *Meliacin* e no *Conto do Escudeiro* há uma observância religiosa mencionada como parte das festividades. Além disso, a cena em *Meliacin* e no *Conto do Escudeiro* é colocada longe da Europa ocidental, mas em *Cleomadés* o reino fica na Espanha (CORREALE, 2002, p. 172). Posteriormente no conto, Algarsife conquista Teodora com a ajuda do cavalo encantado, outro incidente semelhante observado nas *Mil e uma Noites* e em *Cleomadés*.

Canace, o anel mágico e o Falcão

Na parte dois do conto, desdobra-se a ação narrativa de Canace. Durante a festa de Cambuscan, sua filha Canace é presenteada com um anel mágico:

Quanto ao poder do anel, se desejais sabê-lo, consiste em permitir a ela, quando usá-lo no polegar ou em sua bolsa, entender perfeitamente o canto de todas as aves que voam sob o céu, captando o seu sentido com clareza e podendo responder-lhes em sua língua. Com ele, também conhecerá as plantas todas que crescem sobre raízes; e saberá que remédio ministrar a cada enfermo, mesmo com chagas enormes e profundas ¹⁴

Possivelmente Chaucer tinha diante de si, ou em sua memória, um modelo para sua história do Falcão. Para este episódio, como para outros no fragmento chauceriano, as *Mil e Uma Noites* oferecem um paralelo próximo. Os pontos principais do episódio do falcão de Chaucer podem ser explicados à luz do conto árabe, *Taj al-Muluk e a princesa Dunya*. O ponto principal do episódio do falcão de Chaucer que possui relação com a história de *Taj al-Muluk e a princesa Dunya* é o momento em que a princesa Dunya tem um sonho em que um pombo abandona sua companheira presa por um caçador. Ao acordar, a princesa conclui que “Nenhum macho tem fidelidade. Impossível acreditar em qualquer homem que seja” e chama seus acompanhantes para uma caminhada no jardim (MIL E UMA NOITES, 2021, p. 304).

Enquanto no *Conto do Escudeiro* de Chaucer, Canacee está empolgada com seus presentes. Ao acordar do seu “*firste sleep*” (primeiro sono) declarando que perdeu o sono e gostaria de sair para uma caminhada no jardim. Ela chama um grupo de suas camareiras para que a acompanhassem. O cenário é o mesmo em ambos os relatos: um jardim contíguo a um palácio. Aqui Canacee não encontra um pombo, mas uma falcão fêmea. A ave se lamenta: “Que, com a voz comovente, dava gritos que ecoavam por todo aquele bosque”¹⁵. O anel recebido por ela permitiu que entendesse o que o pássaro dizia. Ao ouvir que o falcão estava se lamentando

¹⁴ “The vertu of the ring, if ye wol here,/ Is this; that, if hir lust it for to were/ Up-on hir thombe, or in hir purs it bere,/ Ther is no foul that fleeth under the hevene/ That she ne shal wel understande his stevene,/ And knowe his meninge openly and pleyn,/ And answer him in his langage ageyn./ And every gras that groweth up-on rote/ She shal eek knowe, and whom it wol do bote,/ Al be his wouders never so depe and wyde.” (CHAUCER, 2014, p. 580 - 81).

¹⁵ “That with a pitous voys so gan to crye/ That all the wode resouned of hir cry/” (CHAUCER, 2014, p. 590-1).

amargamente porque foi abandonado por seu companheiro, assim como a pomba na história da princesa Dunya, Canace morreu de piedade pelo pássaro e promete ajudá-la.

É provável que, assim como as histórias do cavalo voador, Chaucer tenha encontrado alguma versão anterior do conto da princesa Dunya que migrou para a Europa. Embora não seja possível traçar essa fábula até sua origem, ou definir precisamente as etapas de sua transmissão para a Europa Ocidental, é possível oferecer evidências de literaturas que possuem a mesma situação em que princesas encontram pássaros abandonados, afligidos pelo abandono de um amado. Este enredo, usando uma fábula animal para prenunciar uma situação nos assuntos humanos, era popular na literatura oriental (BRADDY, 1936, p. 12). Então, a conexão nos contos orientais entre aves e humanos sugere que, se ele tivesse completado a história do escudeiro, Chaucer também teria estendido a lição do falcão sobre a infidelidade masculina às relações de Canacee com os homens.

Haldeen Braddy, em *The Oriental Origin of Chaucer's Canacee-Falcon Episode*, igualmente aponta o conto de Taj al-Muluk e a Princesa Dunya como a fonte do episódio do falcão em Chaucer, mas acrescenta outras histórias com episódios análogos, com pássaros. Entre elas, a história de Katha Sarit Sagara, uma coleção do século XI de lendas indianas. Esta é a história da princesa Karpurika, que odiava os homens e recusou um casamento arranjado. A princesa acreditava que em uma encarnação anterior ela foi um cisne, e seu companheiro, o cisne macho, mostrou-se impiedoso para com ela. O príncipe que a corteja finge que é o cisne arrependido reencarnado. Outro romance, este hindu do século VII, Vásavadattá, de Subandhu, também contém certas características que lembram a situação do episódio de Canace e o falcão. Neste romance hindu, Kandarpaketu, filho de Chintamani, rei de Kusumpapura, vê em um sonho uma bela donzela por quem se apaixona tão desesperadamente que imediatamente sai com seus assistentes para procurá-la. Enquanto descansava sob uma árvore, seu confidente, Makaranda, escuta dois pássaros conversando e, a partir de seu diálogo, descobre que a princesa Vásavadattá rejeitou todos os pretendentes porque viu Kandarpaketu em um sonho e aprendeu seu nome. Acontece que a princesa, por sua vez, enviou seu confidente em busca do príncipe; e essa pessoa Makaranda descobre na mesma floresta. A confidente entrega uma carta ao príncipe de sua amante e o acompanha até o palácio do rei, onde ele fica felizmente unido à princesa (BRADDY, 1936, p. 14).

Além desses análogos, Dorothee Metlitzki (1977) observa algumas semelhanças com o poema grego do século XI chamado Digenes Akrites. Digenes Akritas, é um romance em que o

personagem Digenes encontra uma mulher abandonada por um amante infiel. Basilius Digenes Akritas foi um herói bizantino do século X e sua história é contada em seis manuscritos escritos em grego do século XI, encontrados em bibliotecas do norte da Turquia, Grécia, Itália e Espanha. Podemos supor que na migração desse conto para a Europa Ocidental apareceu alguma versão manuscrita com a qual Chaucer se familiarizou. O personagem principal da primeira parte da história é um emir árabe pai de Digenis. Em um ataque na Capadócia bizantina, o emir captura uma jovem grega nobre. Depois de ser derrotado por seu irmão em combate, o emir decide ser batizado, se casar com a mulher e se mudar para o lado bizantino da fronteira. Digenis é filho de pai árabe e mãe grega e, como seu pai, cresce para roubar uma noiva grega de um castelo bizantino. Ele leva a vida de um guarda de fronteira de terras localizadas no leste do Império Bizantino. Depois de construir um palácio perto do Eufrates, Digenis morre jovem.

Como foi visto, o romance de Chaucer também diz respeito a membros de uma família e o detalhe sobre a mulher abandonada que Metlitzki sugere como paralelo ao episódio do falcão do *Conto do Escudeiro* é um dos principais assuntos do Livro 5 de Digenis Akritas. O livro sobre a noiva abandonada é um episódio significativo, assim como a parte de Canace e o falcão do *Conto do Escudeiro* (embora, se o *Conto do Escudeiro* tivesse sido concluído, o episódio do falcão e Canacee poderia parecer muito menos significativo). No épico grego medieval, Digenis, que encontra a donzela chorosa abandonada por seu amante infiel, também se torna o catalisador para levar o cavaleiro cruel ao arrependimento e ao reencontro com a garota. No conto de Chaucer, o falcão encontrado por Canacee - a filha, não o filho de um rei - também se reencontra com seu falso amante.

*

Antes de retornar a Canacee, Chaucer prossegue com a promessa de relatar mais três episódios: (1) como Cambuskan conquistou muitas cidades, (2) como Algarsif ganhou Theodora como sua esposa e (3) como Cambalu ganhou Canace. Mas o *Conto do Escudeiro* fica incompleto. É relatado que a história presente nas Mil e uma Noites também é estruturado como uma série de narrativas breves que Braddy (1936) designa de "caixa dentro de uma caixa", estilo comum em contos persas e árabes onde há uma história principal seguida por numerosos incidentes intercalares. Estes poderiam ser os três episódios nomeados no prólogo do *Conto do Escudeiro*, mas que Chaucer não teve tempo de desenvolver.

Embora nenhum dos relatos tenha provado ser uma fonte direta, Chaucer certamente

estava usando uma ou várias histórias como modelo. Na forma da narrativa, há relatos que sua estrutura seja europeia, um tipo de poesia de entrelaçamento encontrada na literatura romântica francesa medieval e até mesmo no épico inglês Beowulf (HEFFERNAN, 2003, p. 63). É dito que essa noção de estrutura entrelaçada foi usada primeiro para descrever a complexidade dos romances em prosa francesa do século XIII, mais especialmente aqueles do ciclo arturiano (HEFFERNAN, 2003, p. 72). No entanto, ao contrário do que a historiadora Carol Heffernan afirma, a estrutura de narrativas em camadas ditas de origem europeia, na verdade pode ser relacionada ao estilo de escrita em moldura de tradições que se originaram e se desenvolveram na Ásia. É assim que a autora Gittes descreve a estrutura da obra árabe-indiana do século VIII, conhecida como *Panchatantra* (GITTES, 1983, p. 237). É possível sugerir que não apenas o *Conto do Escudeiro*, mas também todo o Contos da Cantuária possua influência desse estilo de narrativa.

Como o texto está incompleto, a teoria de que o Escudeiro se propôs a narrar uma série de incidentes torna impossível uma demonstração prática. De fato, Chaucer abandona a narração das aventuras de Canace quase exatamente no mesmo ponto do desenvolvimento da trama em que a narrativa se desenrola para uma história de enquadramento. Mas há algumas evidências que apoiam essa visão. A abertura do conto em que Chaucer descreve o que todo o seu enredo deve conter; em dado momento, o Escudeiro promete voltar para Canacee e seu falcão, mas antes ele vai contar as histórias paralelas de Cambuscan, de Algarsife e como ele obteve a mão da amada Teodora ajudado pelo cavalo mágico, além da história de Cambalo.

Haldeen Braddy reforça essa perspectiva no seu texto *The Genre of Chaucer's Squire's Tale*. O autor argumenta que Chaucer estava seguindo um modo oriental e diferencia dois tipos diferentes de contos de enquadramento orientais. Um tipo, ilustrado por *Mil e Uma Noites*, ele diz, “começa com uma situação retornada pelo narrador sempre que os incidentes tributários terminam”. O outro tipo de conto de enquadramento, de acordo com Braddy, “começa com uma história principal para o enquadramento e é seguido por vários incidentes intercalares antes de o conto de enquadramento ser retomado e encerrado. (BRADDY, 1942, p. 283)

No que se refere ao restante dos elementos mágicos, como o espelho, as fontes também são diversas. O espelho apresentado a Canacee tem o poder de revelar futuras adversidades para um rei e seu reino, distinguir amigos e aliados de inimigos e expor a dissimulação de um amante. A descrição com base na ciência óptica das propriedades do espelho é muito provavelmente derivada de *Le Roman de la Rose* (1230 - 1235), entre outros análogos como *Confessio Amantis*

de John Gower (1386 - 1390). Na literatura, a fonte do espelho mágico pode ser o Farol de Pharos no porto de Alexandria, construído por Ptolomeu Soter. Aparentemente dotado de sofisticado aparato óptico com um grande espelho côncavo que refletia a imagem de navios em alto mar, esse farol serviu de tema de lendas e relatos por historiadores, geógrafos e viajantes árabes a partir do século IX (CORREALE, 2002, p. 186). Relatos de viajantes, comerciantes e visitantes europeus ao túmulo de São Marcos em Veneza, onde o Farol é representado em mosaico, pode ter disseminado a notícia dele no Ocidente.

Para o anel mágico de Canace, ainda é possível considerar os relatos acerca da fama dos anéis associados a Salomão dos quais Chaucer conhecia. No Ocidente, os anéis são conhecidos como um dispositivo curativo, especificamente de poder exorcista, ou como um meio mágico de garantir os desejos de alguém, seja no amor ou não. Pode ser uma passagem no *Opus Maius* de Roger Bacon, que, ao contrário de outros análogos, associa Moisés com Salomon e liga magia com astrologia. O conhecimento de Salomão sobre os animais e o mundo natural é declarado tanto em textos do Agadá quanto no Alcorão. Ambos explicitamente mencionam o conhecimento de Salomão a respeito da fala dos pássaros (CORREALE, 2002, p. 195).

Como base para a espada mágica, Chaucer pode ter conhecido o do Livro 12 do *Ovide Moralisé*. O contexto do *Conto do Escudeiro*, no entanto, sugere como fonte o relato do Velho Plínio na *Historia Naturalis*, onde, em uma discussão sobre as propriedades medicinais de vários minérios e os subprodutos de sua preparação comercial, o autor menciona várias técnicas de têmpera como ilustrado na história de Aquiles e Thelophus (CORREALE, 2002, p. 200), em que Télefo é ferido e depois curado pela lança de Aquiles.

O restante da história do *Conto do Escudeiro* não está completo, mas é possível encontrar uma continuação escrita por Edmund Spenser, em seu livro *The Faerie Queene*, em 1590. Chaucer pode até ter pretendido que a história permanecesse inacabada, com o personagem Franklin interrompendo a narrativa. No entanto, há uma indicação de que uma das histórias utilizadas por Chaucer como fonte conteria incesto, fazendo com que o poeta abandonasse a escrita do conto quando chegou sobre o assunto ofensivo. Braddy aponta o ciclo de romances ao qual pertence o conto de *Taj ul-Mulk e da princesa Dunya* como o análogo que contém incesto. Chaucer poderia já estar envolvido em algum dos outros análogos do *Conto do Escudeiro* quando descobriu uma fonte que terminava com uma referência ao incesto. Se esse for o caso, parece provável que o poeta tenha procurado encaixar um novo final para a história para incluí-la nos Contos de Cantuária.

Qualquer que seja a forma e a extensão do conhecimento de Chaucer sobre as histórias orientais citadas, ele as reelaborou para um cenário e ambiente histórico diferentes dos originais. O conhecimento sobre Chaucer e seus trabalhos é político e, muito embora o "Orientalismo" que Said (2007) discute em seu extenso estudo se limite principalmente ao período posterior ao final do século XVIII, tem suas raízes, como o autor deixa claro, em épocas muito anteriores, remontando à Idade Média. O *Conto do Escudeiro* é um texto que tenta reorganizar e ganhar controle sobre o mundo imaginário do Oriente, representando sua relação com um Ocidente culturalmente ascendente. Ou seja, a grande contribuição da literatura imaginativa e de viagens durante o período medieval, reforçaram as divisões estabelecidas ao longo dos séculos entre os vários departamentos geográficos, temporais, ideológicos e raciais.

Conclusões

A pesquisa demonstrou de que forma o aparecimento do Oriente na literatura de Geoffrey Chaucer - seja como cenário exótico no *Conto do Escudeiro*, como território para comércio e conversão no *Conto do Magistrado* de Chaucer, como reino da sensualidade nas lendas de Dido e Cleópatra de Chaucer, e, de fato, como a fonte e o canal dos próprios contos, como no *Conto do Escudeiro* - sugere que o contato cultural durante a Idade Média se tornou um poderoso motor de mudança na literatura. Ao escrever para seus contemporâneos, Chaucer utilizou-se de referências que circulavam naquele período, em especial, das referências encontradas em suas viagens.

O contato histórico com o mundo muçulmano abriu para o Ocidente a possibilidade de aprendizado em diversas áreas. Como os capítulos anteriores ilustraram, as inovações da medicina árabe tornam-se parte da literatura do Ocidente cristão por meio de traduções do árabe para o latim no final da Idade Média por tradutores como Petrus Alfonsi e Constantino, o Africano (1010 - 1087), citados por Chaucer. Como membro da comunidade beneditina de Monte Cassino, Constantino traduziu escritos greco-árabes do árabe para o latim e seu trabalho fez dele um dos principais transmissores da medicina árabe para o Ocidente. Chaucer também cita explicitamente Petrus Alfonsi e parafraseia a *Disciplina clericalis* no *Conto de Chaucer sobre o Melibeu*, que combinado com as fontes árabes para o *Tratado do Astrolábio* e seu interesse particular em astronomia e instrumentos científicos para medir as estrelas, indicam que ele foi influenciado por traduções latinas da astronomia matemática árabe.

É significativo que, no que diz respeito às origens hispano-árabes de *fin' amors* e do estilo romance no geral, fez com que medievalistas literários, como Jagot (2013), se envolvesse com a possibilidade de influências transculturais entre o Oriente islâmico e o Ocidente latino, através dos versos de trovadores. A recepção literária das ideias médicas e metafísicas de amor encontradas no aprendizado árabe leva a sugerir que essas ideias eram discerníveis na poesia dos trovadores, e vieram a influenciar as últimas décadas do século XIII. A representação de amor e perda de Chaucer foi informada por uma dimensão médica e psicológica, criando sofredores cujos sintomas, diagnósticos e curas espelham aqueles discutidos na escolástica latina, embora ancorado no Oriente islâmico. O próprio surgimento do romance como um novo gênero na França medieval, situado como está no tempo após o encontro Leste-Oeste da Segunda Cruzada, é em si o exemplo mais poderoso disso.

Como este estudo demonstrou, a influência do conhecimento árabe na obra de Chaucer excede em muito os componentes técnicos. Para os estudiosos de literatura e crítica, o Orientalismo oferece um exemplo maravilhoso da inter-relação entre a sociedade, a história e a intertextualidade presentes nas histórias de Chaucer. Além disso, assim como Said (2007) sinaliza, a relação do Oriente com o Ocidente está certamente ligada ao Orientalismo, que, por sua vez, está ligado a ideologia, a política e a lógica de poder, questões estas de grande relevância para a comunidade literária.

A representação do Islã de Chaucer foi por muito tempo negligenciado pelos estudiosos chaucerianos. Como vimos, a representação do Islã por Chaucer no *Conto do Magistrado* é derivada de percepções cristãs medievais do Islã com base nas traduções latinas do Alcorão e de vários textos islâmicos. Além disso, apesar da profunda importância do conhecimento árabe para o desenvolvimento intelectual do Ocidente latino e dos textos de Chaucer, ainda há, paradoxalmente, a ridicularização do meio religioso que lhe deu origem.

O conhecimento árabe permeia a obra de Chaucer como um todo, e só podemos esperar que suas fontes árabes venham a ser consideradas fundamentais para a compreensão do desenvolvimento de toda a sua obra, da mesma forma que seu conhecimento de escritores clássicos, ou mais contemporâneos franceses e fontes italianas. Certamente, ainda há muito mais a ser dito e feito sobre o assunto. No entanto, mesmo nesta consideração inicial da influência dos escritos de Avicena, Averróis, al-Rāzī, Haly Abbas e Sénior Zadith ao longo da carreira de escritor de Chaucer, podemos começar a ver toda a extensão de sua influência e envolver mais plenamente com muitas das ideias que ele nos apresenta.

Chaucer tornou-se um poeta monumental, transformado como a base do cânone nacional inglês e o Pai da Literatura Inglesa, no século XV. Após sua morte, Chaucer passou a representar o inglês, o patriarcado e a autoridade. Em vida, Chaucer não representou o cânone. Dessa maneira, julgo necessário tal reavaliação das nossas suposições e conhecimentos do Outro frequentemente oculto, silenciosamente atrás de cânones como Chaucer, por exemplo. Enriquecer em vez de empobrecer nosso conhecimento, explorar as possibilidades de sua relação com a cultura intelectual árabe. As possíveis inter relações culturais, históricas e textuais abrem possibilidades complexas, significados e alusões ocultos nas intertextualidades. Considero esta uma instância importante para dar ao mundo árabe todas aquelas características, em suma, que assumimos naturalmente como parte de suas relações históricas e textuais dentro do quadro europeu. Talvez nos perguntar neste contexto se esses textos eram de fato tão silenciosos nos

séculos XIII e XIV ou se, em vez disso, não foram nossas visões limitadas sobre o período que o tornaram assim, dando seu lugar a outros, cuja ancestralidade consideramos mais ilustres, protegendo-nos assim de um reconhecimento que atinge o cerne de certas crenças sobre nós mesmos.

Referências

ANÔNIMO. **Livro das mil e uma noites**: volume 5: ramo egípcio - a saga de umar annuman + fábulas de sherazade. São Paulo: Biblioteca Azul, 2021. Tradução de: Mamede Mustafa Jarouche.

AKBARI, Suzanne Conklin. **Idols in the East**: European Representations of Islam and the Orient, 1100–1450. Londres: Cornell University Press, 2012.

ABU-LUGHOD, Janet L. **Before European hegemony**: the world system AD 1250-1350. Nova York: Oxford University Press, USA, 1989.

ALONI, Gila; SHARON-ZISSER, Shirley. Testimonium - Geoffrey Chaucer's Lyne Oriental: Mediterranean and Oriental Languages in the Treatise on the Astrolabe. **Mediterranean Historical Review**, v. 16, n. 2, p. 69-77, 2001.

BARRINGTON, Candace. The Global Pilgrimage of Geoffrey Chaucer's The Canterbury Tales. In: SEIGNEURIE, Ken; XIAO, Jiwei. (Eds.) **A Companion to World Literature**. Nova Jersey: John Wiley & Sons, p. 1-12, 2020.

BENSON, Larry. (Ed.). **The Riverside Chaucer**. Boston: Houghton Mifflin Company, 1987.

BRADDY, Haldeen. Cambyuskan's Flying Horse and Charles VI's "Cerf Volant". **The Modern Language Review**, p. 41-44, 1938.

BRADDY, Haldeen. The Genre of Chaucer's "Squire's Tale". **The Journal of English and Germanic Philology**, v. 41, n. 3, p. 279-290, 1942.

BRADDY, Haldeen. The Oriental Origin of Chaucer's Canacee-Falcon Episode. **The Modern Language Review**, v. 31, n. 1, p. 11-19, 1936.

BREWER, Derek. **Tradition and Innovation in Chaucer**. Londres: Palgrave MacMillan, 1982.

BLEETH, Kenneth (Ed.). **Chaucer's Squire's Tale, Franklin's Tale, and Physician's Tale: An Annotated Bibliography, 1900 to 2005**. Toronto: University of Toronto Press, 2018.

BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**: Os grandes livros de escritores essenciais de todos os tempos. Lisboa: Tempos e Debates, 1994.

BROWN, Peter (Ed.). **A companion to Chaucer**. Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2008.

CHAUCER, Geoffrey. **Os Contos de Canterbury**. São Paulo: Editora 34, 2014.

COHEN, Jeffrey Jerome (ed.). **The Postcolonial Middle Ages**. Londres: Palgrave Macmillan, 2002.

CONRAD, Sebastian. **O que é a história global?** Lisboa: Edições 70, 2019.

- CORREALE, Robert M. **Sources and analogues of the Canterbury Tales I.** Londres: DS Brewer, 2002.
- DAVIDSON, M. **Medievalism, multilingualism, and Chaucer.** Londres: Palgrave Macmillan, 2009.
- DIMARCO, Vincent J. The historical basis of Chaucer's Squire's tale. In: **Chaucer's Cultural Geography.** Londres: Routledge, 2013.
- DOMÍNGUEZ, César. World literature, circulation, and the middle age. **Canadian Review of Comparative Literature.** v. 43, n. 3, p. 342-359, 2016.
- EL FAHLI, Mourad. The Construction of Space (s) and Identity (s) in Medieval Literature: Geoffrey Chaucer's The Canterbury Tales as a Case Study. **Mirabilia: electronic journal of antiquity and middle ages**, n. 27, p. 254-268, 2018.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FYLER, John M. Domesticating the Exotic in the Squire's Tale. **ELH**, v. 55, n. 1, p. 1-26, 1988.
- GANIM, John; LEGASSIE, Shayne (Ed.). **Cosmopolitanism and the Middle Ages.** Londres: Palgrave Macmillan, 2013.
- GITTES, Katharine Slater. The Canterbury Tales and the Arabic frame tradition. **PMLA**, v. 98, n. 2, p. 237-251, 1983.
- GOODY, J. **O Roubo da História.** Como os europeus se apropriaram das idéias e invenções do Oriente. São Paulo: Contexto, 2008.
- HEFFERNAN, Carol. F. **The Orient in Chaucer and Medieval Romance.** Londres: D. S. Brewer, 2003.
- JAGOT, Shazia. **Fin'amors, Arabic learning, and the Islamic world in the work of Geoffrey Chaucer.** Tese de Doutorado. University of Leicester, 2013.
- MACK, Rosamond E.; SMITH, Denis Mack. **Bazaar to Piazza:** Islamic trade and Italian art, 1300-1600. Berkeley: University of California Press, 2002.
- MARZOLPH, Ulrich; VAN LEEUWEN, Richard; WASSOUF, Hassan. **The Arabian Nights Encyclopedia.** Santa Bárbara: ABC-CLIO, 2004.
- MALACZKOV, Szilvia. Geoffrey Chaucer's translation strategies. **Perspectives: Studies in Translatology**, v. 9, n. 1, p. 33-44, 2001.
- MANLY, John Matthews. Marco Polo and the Squire's Tale. **PMLA**, v. 11, n. 3, p. 349-362, 1896.

- MEAD, Jenna. Reading by Said's lantern: Orientalism and Chaucer's treatise on the astrolabe. **Al-Masaq: Journal of the Medieval Mediterranean**, v. 15, n. 1, 77-82, 2003.
- MENOCAL, Maria Rosa. **The Arabic Role in Medieval Literary History: A Forgotten Heritage**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2010.
- MELLO, Renato de. (Org.). **Análise do Discurso e Literatura**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.
- METLITZKI, Dorothee. **The matter of Araby in medieval England**. Londres: Yale University Press, 1977.
- MOIRA, Amara et al. Apresentação. Descolonizar o cânone, refundar a tradição. **Cadernos de Literatura Comparada**. n.43, 2020.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. **Anuário de literatura**, v. 3, p. 85-93, 1995.
- SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SCANLON, Larry (Ed.). **The Cambridge companion to medieval English literature 1100-1500**. Nova York: Cambridge University Press, 2009.
- SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- TURNER, Marion. **Chaucer: A European Life**. Nova Jersey: Princeton University Press, 2020.
- WANG, Eugene Y. Why Was There No Chinese Painting of Marco Polo? The Vexed Art of Itinerancy. In: GLUDOVATZ; REES; NOTH (Eds.). **The itineraries of art: topographies of artistic mobility in Europe and Asia**, p. 85-105, 2015.
- WALLACE, David. Chaucer's Italian inheritance. In: BOITANI, Piero et al. (Ed.). **The Cambridge Companion to Chaucer**. Cambridge University Press, 2003.